

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
DENIS VICTOR MARCANTE

IMIGRAÇÃO UCRANIANA:
CULTURA E MEMÓRIAS DE UMA IMIGRANTE

CURITIBA
2017

DENIS VICTOR MARCANTE

**IMIGRAÇÃO UCRANIANA:
CULTURA E MEMÓRIAS DE UMA IMIGRANTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura.

Orientadora: Professora Andrea Beatriz Wozniak Giménez

**CURITIBA
2017**

Dedico a minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças e sabedoria, pelas conquistas realizadas neste curso. Toda honra, glória e louvor são dados a ti Deus.

Agradeço aos meus pais José Antônio e Salete. Mãe e pai, muito obrigado pelo apoio, pelas as palavras de incentivo desde o início do curso. Obrigado aos meus familiares e amigos pelo carinho.

Agradeço também aos professores do curso de licenciatura de História da Universidade Tuiuti do Paraná, em especial as professoras Viviane Maria Zeni coordenadora do curso, ao professor André Siqueira, e a minha querida professora orientadora Andrea Beatriz Wozniak, e a professora pedagoga Margaret Schroeder pelo acompanhamento acadêmico.

Aos meus colegas de trabalho do Colégio Adventista Boqueirão, em especial três pessoas fundamentais em minha vida: diretora Dolores Rosa, a professora de História Daniele Ferreira Almeida que me acompanhou os meus estágios desde o primeiro estágio realizado no Colégio Adventista Portão, e a professora Sônia Terezinha Ferreira Lima pelas orações e amizade durante esses quatro anos de trabalho, e ao grupo de monitoria e zeladoria do colégio, muito obrigado mesmo.

Por fim agradeço aos meus amigos e colegas do curso de História durante esses anos de lutas. Agradecimento especial à professora Oksana Boruzsenko pelas entrevistas e pelo atendimento em sua residência, e a todos meus amigos descendentes de ucranianos. Às demais pessoas que pude entrevistar na Faculdade de Filosofia, no bairro Seminário e no clube Subras (Sociedade ucraniana brasileira), obrigado pela atenção.

Muito obrigado a todos.

“Ebenézer, até aqui o Senhor nos ajudou.”

(I Samuel 7:12)

Deus os abençoe.

POEMA EMIGRANTE

*Arfa no porto o mar.
Soluça dentro dalma do emigrante
O longo silvo do navio em despedida.
Treme, na lágrima do olhar a paisagem da pátria.
O apelo fascinante do mar
Acorda seu desejo de aventura, o anseio de partir em busca
duma terra prometida.
Quem dilacera assim, entre a saudade e a esperança, o
coração do emigrante?
É a vida...é a vida...é a vida...
(Ontem Agora).*

*Helena Kolody 1912-2004
Filha dos imigrantes ucranianos, Miguel kolody e Victoria
Szandrowska.*

RESUMO

Neste trabalho será apresentada uma pesquisa sobre a imigração ucraniana no Estado do Paraná, em especial as memórias de Oksana Boruszenko, professora e historiadora, sobre sua imigração e a relação entre as tradições religiosas e a identidade da cultura ucraniana. Como metodologia desta pesquisa foi utilizada a história oral e o conceito de memória de Maurice Halbwachs (2006). O objetivo geral desta pesquisa foi: analisar as memórias de Oksana Boruszenko sobre sua imigração para o Brasil e sobre as tradições cristãs ucranianas.

Palavras-chave: Imigração ucraniana, Paraná, tradição, memória.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	8
1	IMIGRAÇÃO E MEMÓRIA	10
1.1	DA UCRÂNIA AO BRASIL	10
1.2	IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO PARANÁ	12
1.3	LEMBRANÇAS SOBRE A PÁTRIA UCRANIANA E A CHEGADA AO BRASIL.....	16
2	MEMÓRIAS DE UMA IMIGRANTE UCRANIANA SOBRE AS SUAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS.....	24
2.1.	“ <i>KHRESTÓS VOSKRÉS!</i> ” (“CRISTO RESSUSCITOU”): TRADIÇÃO E MEMÓRIA DA PÁSCOA.....	25
2.1.1	PÊSSANKAS: A ARTE DE PINTAR OVOS DE PÁSCOA.....	29
2.2	“ <i>KHRESTÓS RODÊVCIA!</i> ” (“CRISTO NASCEU”): TRADIÇÃO E MEMÓRIA DO NATAL.....	38
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
	APÊNDICE.....	49

INTRODUÇÃO

Neste trabalho será apresentada uma pesquisa sobre a imigração ucraniana no Estado do Paraná, principalmente em Curitiba, e as lembranças de uma imigrante sobre esta parte da história, no caso a professora aposentada da Universidade Federal do Paraná, Oksana Boruszenko. A história da imigração da família Boruszenko e, em especial, a trajetória dela no Paraná, começou com sua saída da Ucrânia na década de 1940, período da Segunda Guerra Mundial.

Desta forma, os problemas desta pesquisa foram: Quais aspectos ficaram marcados na memória de Oksana Boruszenko sobre sua imigração para o Paraná? No modo geral, qual é o verdadeiro significado das tradições religiosas, em especial as festas cristãs para os ucranianos e seus descendentes?

A pesquisa sobre a imigração ucraniana para o Paraná é importante porque o Estado é um Estado multicultural, o que faz necessário mostrar as diversas identidades formadoras de nossa história. As memórias de um destes sujeitos históricos tornam possível analisar os fatos ocorridos no país natal, assim como na chegada ao Brasil e a preservação ou a adaptação das tradições culturais, como por exemplo, a cultura religiosa.

Outra motivação para a escolha desse tema foi por questões pessoais: primeiro porque o autor tem antepassados rutenos por lado materno; segundo por ter convivido na infância com descendentes na cidade de Irati, o que gerou admiração pela cultura.

O objetivo geral desta pesquisa foi: analisar as memórias de Oksana Boruszenko sobre sua imigração para o Brasil e sobre as tradições cristãs ucranianas.

No primeiro capítulo foi abordada a saída dos imigrantes da Ucrânia entre o final do século XIX até meados do século XX, e a sua instalação em diferentes

países da América, especialmente o Brasil. Também foi descrita a chegada da família Boruszenko no Paraná, analisando as memórias de Oksana.

Já o segundo capítulo tratou das tradições religiosas cristãs praticadas pelos ucranianos durante as principais festas que são: a Páscoa e o Natal. Aqui também foram analisadas as fontes trabalhadas neste projeto de pesquisa: as memórias de Oksana sobre as comemorações da Páscoa e do Natal; a pêsanka que representa a Páscoa ucraniana; e, por fim, o ícone da Natividade que representa o nascimento de Jesus Cristo.

Como metodologia desta pesquisa foi utilizada a história oral. Foram elaborados dois roteiros de perguntas: o primeiro sobre a imigração da família Boruszenko para o Brasil; e o segundo sobre as tradições cristãs ucranianas da Páscoa e do Natal, e seus significados particulares para Oksana. As entrevistas foram realizadas na casa de Oksana no mês de novembro de 2016. Esses depoimentos foram gravados em áudio e depois foram transcritos, como pode ser observado no apêndice desse trabalho. Para analisar os depoimentos de Oksana, foram utilizadas as reflexões de Maurice Halbwachs (2006) sobre o conceito de memória.

1. IMIGRAÇÃO E MEMÓRIA

1.1 DA UCRÂNIA AO BRASIL

A Galícia, parte Ocidental da Ucrânia, tinha como capital a cidade de Lviv, e continha além de ucranianos, habitantes de outras nações vizinhas como: poloneses, judeus, russos e alemães. Além da população local, as demais etnias sobreviviam da agricultura. A região enfrentava no final do século XIX uma crise econômica e estava sob o domínio do Império Austro-Húngaro. Além disso, havia escassez de alimentos e também a alfabetização era precária.

Naquele período, em todo o cenário europeu, principalmente na Galícia, a zona rural estava completamente povoada, tendo aproximadamente 100 famílias de lavradores em cada 100 hectares. Com isso, o nível da economia rutena¹ começou a falir, tendo início o processo de emigração em direção ao continente americano no ano de 1891.

Nesta mesma época, o Brasil passou a atrair grandes contingentes de imigrantes de diferentes nacionalidades, como italianos, alemães, poloneses e os próprios ucranianos, entre outros, fenômeno inserido na necessidade emergencial de consolidação do capitalismo. A política de imigração é inserida para o desenvolvimento de uma agricultura de abastecimento, sendo também fornecidos trabalhadores para os demais segmentos da produção.

A professora Oksana Boruszenko (1995, p.06-07), no Boletim informativo de Curitiba, afirma que:

O desenvolvimento histórico da imigração ucraniana no Brasil muitas vezes foi (e continua sendo...) dramático para o imigrante, condição a que não fica imune o pesquisador dessa imigração: um dos graves problemas é

¹

Segundo Wilson José Kotviski (2004, p.11), a antiga Ucrânia era conhecida como Rush, Rutênia ou “Pequena Rússia”.

a falta de dados estatísticos comparativos que levem às cifras exatas relativas a essa corrente migratória, já que são muito escassos os documentos nos arquivos portuários ou similares. Essa escassez é agravada por contingências históricas, como, por exemplo, as divisões geográficas da Europa, quando populações de diferentes formações étnico-culturais passaram por domínios políticos diversos, resultando isso em que muitos imigrantes entravam no país com passaporte do governo ao qual estavam submetidos. Não obstante, a maioria dos autores fixa o ano de 1895 como ponto de partida, pois desse ano a chegada ao Paraná da primeira grande leva de ucranianos, provenientes da Galícia. Consta que grupos de ucranianos teriam vindo em 1876 e 1881, informações que não podem ser tomadas como referência em virtude da falta de documentação convergente. Estes colonos, ao que se deduz, mesclaram-se com os habitantes locais, de modo que hoje constam apenas seus nomes na lista de imigrantes eslavos.

Conforme Kotviski (2004, p.20), os ucranianos trouxeram, para além de suas bagagens materiais, suas práticas culturais. Que ao passar do tempo, conseguiram planejar a sua sustentabilidade material, e também iniciaram a mostrar a sua identidade ucraniana, que durante os tempos enfrentaram as opressões dos adversários.

Sobre cultura, Edward Thompson (1998) salienta que:

A cultura conservadora da plebe quase sempre resiste, em nome do costume, às racionalizações e inovações da economia que os governantes, os comerciantes ou empregadores querem impor. A inovação é mais evidente na camada superior da sociedade, mas como ela não é um processo tecnológico/social neutro e sem normas, mas sim a inovação do processo capitalista, é quase sempre experimentada pela plebe como uma exploração, a expropriação de direitos de uso costumeiros, ou da destruição violenta de padrões valorizados de trabalho e lazer. Por isso a cultura popular é rebelde, mas o é em defesa dos costumes. Esses pertencem ao povo ao e alguns deles se baseiam realmente em reivindicações muito recentes.

O território que os rutenos deixaram ao vir ao Brasil está no limite oriental da Europa. A história da ocupação dessa área é objeto de inúmeras controvérsias e é contada, a partir das poucas fontes disponíveis, de diferentes formas. Paulo Renato Guérios (2008) salienta que é interessante destacar dois elementos incontroversos

acerca dessa história e que tiveram importância para a definição do perfil social dos camponeses rutenos do final do século XIX.

O primeiro elemento, segundo o autor, é a presença do rito grego da religião ortodoxa na região, como parte dos intercâmbios econômicos e culturais com a cultura bizantina, o qual manteve sua relevância como marcador social e como referência essencial para as condutas dos camponeses da região por vários séculos. O segundo elemento destacado é a Província da Galícia, que foi uma região muito disputada por outros grupos étnicos, como no caso o Império Austro-Húngaro.

Oksana Boruszenko (1995) enfatiza que, com o fim da escravidão africana no Brasil, sobre a questão política tinha então duas metas: fundar colônias em vários estados para a sobrevivência de mão-de-obra nas fazendas de café no estado de São Paulo, com isso imigrantes de várias nacionalidades tiveram que se desembarca na ilha das Flores, na Baía de Guanabara no estado do Rio de Janeiro. Em uma dessas embarcações estava então o italiano Gergoletto, que foi visitar algumas comunidades ucranianas disfarçado de camponês, dando ao povo ruteno uma propaganda para emigrarem ao Brasil por questões econômicas.

No ano de 1895 surge uma bandada de ucranianos para o Brasil, e com isso mais de 5.000 famílias abandonaram as suas aldeias e foram se fixar no Estado Paraná a partir de 1897 a 1907. Com as renovações do transporte gratuito, novos ucranianos emigraram para o Paraná, como veremos a seguir.

1.2 IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO PARANÁ

No estado do Paraná é concentrada a maior colônia de ucranianos do Brasil, com aproximadamente 80% dos imigrantes vivendo aqui. Tendo o município de Prudentópolis a população mais rutena do país, já a capital Curitiba tem como o bairro Bigorrihlo, sendo o mais ucraniano da cidade, além de outros bairros que concentram ucranianos, como o Portão, Abranches, Guaíra e Pinheirinho.

Segundo Kotviski (2004), no ano de 1891, cerca de 30 famílias rutenas deixaram a região da Galícia em direção ao Brasil, tendo se estabelecido no estado do Paraná. Sendo assim, as companhias de transporte marítimo desenvolveram uma intensa propaganda imigratória, com a utilização de folhetos e por intermédio de seus agentes espalhados na Europa, como por exemplo, o agente italiano Gergoletto que promoveu aos ucranianos a propaganda de emigrarem para o Brasil, fazendo promessas que o Brasil era o “verdadeiro paraíso na terra”. Com isso, depois que o povo ruteno foi influenciado pela propaganda a respeito do Brasil, começou em 1895 uma grande movimentação de camponeses da Galícia para cá.

Embora haja prejuízo nos registros oficiais a respeito da imigração ucraniana, conforme destaca Oksana Boruszenko (1995), sabe-se por informações das igrejas e de estudos onomásticos que entre imigrantes e seus descendentes são mais de 400 mil vivendo em nosso país, destes mais de 80 % no Paraná. Kotviski (2004) afirma que, no decorrer de dois anos da chegada dos imigrantes ucranianos no Brasil, mais de 5.000 famílias, custeadas pelo governo brasileiro, deixaram as suas aldeias, e a sua grande maioria fixou-se no Paraná nos anos de 1897 a 1907, e também mais de mil ucranianos emigraram às suas próprias custas.

A partir do ano de 1907, surgiram novas levas de emigrantes para o nosso estado. O Paraná é o estado que mais recebeu imigrantes ucranianos no Brasil, tendo hoje aproximadamente 80% de todos os ucranianos e seus descendentes que aqui vivem, já os outros imigrantes deslocaram-se para outros estados como, Minas Gerais e Espírito Santo. A cidade de Prudentópolis que fica na região Centro-Sul do estado, é a cidade que mais tem ucranianos no Paraná. Já em Curitiba é no bairro Bigorriho onde mais se concentra a população rutena, além dos bairros do Portão, Guáira, Abranches, Fazendinha e Pinheirinho. Além dessas cidades, os ucranianos são localizados em outras cidades do estado como Apucarana, Guarapuava, Dorizon, Ivaí, Irati, Pato Branco, Pitanga, Ponta Grossa, Roncador e União da Vitória.

A partir do ano de 1891, seis famílias ucranianas que residiam na cidade catarinense de Papanduva chegaram à Região Metropolitana de Curitiba, e outras

famílias se estabeleceram na região Centro-Sul do estado na cidade de Mallet. No mês de agosto chegaram ao Paraná mais 27 famílias ucranianas na Colônia Santa Bárbara em Palmeira, também na região dos Campos Gerais. Em 1895 chegaram ao estado aproximadamente 5.000 pessoas, se estalando nas Colônias Marcelino no município de São José dos Pinhais e Marco Cinco de General Carneiro, Cruz Machado e Dorizon.

Kotviski (2004) destaca que, a partir dos anos de 1895 e 1896 quando aconteceu a chegada mais expressiva dos imigrantes no Paraná, com aproximadamente 5000 pessoas estabelecendo-se nas colônias de Marcelino (São José dos Pinhais) e Marco Cinco (General Carneiro), e nos municípios de Mallet e Dorizon. No período entre as duas grandes guerras mundiais houve uma diminuição da imigração ucraniana, mesmo assim chegaram mais de 7000 ucranianos nas mesmas cidades que os primeiros imigrantes, só que se estabelecendo nos centros urbanos.

Kotviski (2004) destaca que a partir entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial, alguns imigrantes se deslocaram dos campos para as cidades em que moravam nos centros, onde tiveram a ocupação de ofício ao trabalho no comércio e indústrias.

Na década de 1930, entre 1932-1933, aconteceu na região da Ucrânia um período de fome também conhecido como “*holodomor*”, que vitimou milhares de pessoas, como cita a jornalista Helena Carnieri (2008), no jornal Gazeta do Povo.² O termo “*holodomor*” vem do ucraniano, que trata sobre o holocausto ucraniano no início da década de 1930, durante o governo ditatorial de Josef Stálin na antiga União Soviética, dentro da qual estava grande parte do território ucraniano.³

Carnieri (2008) cita em sua matéria que as terras ucranianas eram terras férteis com a produção de cereais, e o castigo levou a resistência coletiva das

² CARNIERI, Helena. "Genocídio ucraniano ainda é negado." In: Gazeta do Povo, 13/06/2008, p.24.

³ Conforme destaca Carnieri (2008), a URSS recusou-se a reconhecer o genocídio ucraniano (Holodomor). Ta processo começou apenas em 1991.

propriedades locais. Com isso, a origem da crise das safras de cereais, fez levar o governo russo a solicitar mais alimentos da Ucrânia no ano de 1931. A partir de 1932, os camponeses rutenos começaram a esconder as suas colheitas de espigas, o que fez com que Stálin agisse mais severamente. Este aspecto motivou mais ainda a saída da região.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial até o ano de 1951, a imigração ucraniana ganhou um novo impulso, com a média de 1200 imigrantes por ano. Após a Segunda Guerra, aconteceu uma nova leva de imigrantes nos anos 1950, tendo a média de 1.200 imigrantes. Com a chegada ao Brasil, os ucranianos tiveram a esperança de terras férteis na nova pátria, como foi no caso no Porto de Paranaguá eram feitos os cadastramentos e as regularizações de cada imigrante ucraniano. Esses imigrantes faziam uma trajetória longa e cansativa do litoral para a capital, feita por trações animais e levam consigo poucos utensílios.

Sobre as tradições Thompson (1998, p.18) destaca que:

As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. Sempre que a tradição oral é suplementada pela alfabetização crescente, os produtos impressos de maior circulação – brochuras com baladas populares, almanaques, panfletos, coletâneas de” últimas palavras “e relatos anedóticos de crimes – tendem a se sujeitar a expectativas da cultura oral, em vez de desafiá-las com novas opções.

Apesar de se acostumarem com as adversidades e provocações que passaram durante toda a história, os rutenos se colocaram de pé, e conseguiram enfrentar a fome, e a saudade da pátria, com muita determinação e fé. Eles cultivaram de ter esperanças de dias melhores, e livre das perseguições e das opressões sofridas na Galícia. E por fim conseguiram vencer os obstáculos traçados até a chegada dos imigrantes no Paraná, como cita Kotviski (2004).

Nos anos 1990, o então prefeito de Curitiba Rafael Valdomiro Greca de Macedo, criou um museu em homenagem a imigração ucraniana para a capital, o Memorial Ucraniano, que é uma réplica da igreja São Miguel Arcanjo da região da Serra do Tigre no município de Mallet, na região Centro-Sul. Essa igreja é considerada uma das igrejas ucranianas mais antigas do país (BORUSZENKO, 1995, p.42)

Nesse museu, encontra-se a trajetória do povo ruteno contando a história do país local até a chegada dos imigrantes em Curitiba. Encontram-se também os ícones bizantinos e as *pêssankas*, que são ovos pintados durante o período da festa da Páscoa e presenteados para parentes e amigos, e os bordados típicos de cada região da Ucrânia. Conforme destaca Boruszenko (1995, p.43), o Memorial Ucraniano oferece aos seus visitantes um quiosque que é uma casa típica ucraniana, onde são vendidos os produtos típicos e lembranças de Curitiba, além de um palco típico decorado com um espaço ideal para as manifestações folclóricas, como as *vesniankas* e *hailkas*, que são cirandas de saudação à primavera, os *polzunetz* e *hopak*, as *orletchka* e *chalhaniwka* (danças, dume (baladas) e *kolomeykas* (canções humorísticas). O museu se encontra no bairro São João, próximo ao parque Tingui.

1.3 LEMBRANÇAS DE UMA IMIGRANTE SOBRE A PÁTRIA UCRANIANA E A CHEGADA AO BRASIL

Realizou-se uma entrevista com uma ucraniana ilustre que mora em Curitiba há mais de 60 anos, é a doutora e professora aposentada Oksana Boruszenko que foi professora da Universidade Federal do Paraná. Nascida no ano de 1939 na Ucrânia, imigrou com seus pais para o Brasil aos 10 anos de idade. Vive na cidade de

Curitiba desde 1952.⁴ É especialista sobre imigração no Paraná, em especial à imigração ucraniana. Percorreu diversos países onde tem trabalhos publicados e nos quais proferiu palestras.

Foi professora dos cursos de graduação em História, na Universidade Federal do Paraná por 25 anos. Visitou a Universidade de San Clemente de Buenos Aires, Universidade Manitoba no Canadá, Universidade de Munique na Alemanha e de Columbia em Nova Iorque. (BORUSZENKO, 1995, p.46-47)

Além disso, Oksana é considerada a primeira pesquisadora a dedicar-se aos estudos sobre a imigração ucraniana no estado do Paraná, e graças à sua dedicação muitos arquivos históricos foram preservados, inclusive na própria Ucrânia. Pelos seus estudos e registros, reconhece-se a contribuição que os ucranianos deram para o desenvolvimento de Curitiba e do Paraná.

Oksana Boruszenko foi presidente da Organização Feminina, Vice-Presidente da Confederação Mundial de Mulheres Ucranianas, e também integra a executiva da Representação Central Ucraniano-Brasileira, a entidade máxima da comunidade ucraniana do Brasil. (BORUSZENKO, 1995, p.46-47).

Elaboraram-se algumas questões sobre as suas lembranças na Ucrânia e a chegada ao Brasil, tendo a cidade de Curitiba como o local escolhido para viver.

Na primeira pergunta que foi feita à professora, sobre os motivos que levaram a família Boruszenko a sair da Ucrânia no final da década de 1940, Oksana afirmou que a sua família não saiu da Ucrânia voluntariamente, e sim, foi levada pelo “invasor alemão” à Alemanha, na fronteira com a extinta Tchecoslováquia. Percebe-se que a entrevistada reforçou o fato da família só ter deixado a Ucrânia forçadamente, porque se sentiam orgulhosos de serem ucranianos. Quando Boruszenko falou sobre o sentimento ruteno, expressou a memória coletiva, a memória social conforme destaca Halbwachs (1968), relacionada ao êxodo de ucranianos por causas das seqüelas surgidas durante o período da Segunda Guerra

⁴ Entrevista realizada com Oksana Boruszenko em Novembro de 2016.

Mundial. Em suas memórias ficou marcado que as pessoas que saíam da Ucrânia eram consideradas como “traidores” pelos próprios compatriotas.

A família Boruszenko era composta por quatro pessoas: os pais, a irmã mais nova e a própria Oksana. Os pais da professora casaram-se no ano de 1935, seu pai era engenheiro, enquanto a sua mãe era professora universitária, uma das poucas mulheres a ensinar em nível superior naquela época. Com sua saída forçada da Ucrânia, perderam os bens que tinham e também o contato com os familiares. Na Alemanha foram acolhidos por uma família alemã que era proprietária de moinho, dedicava-se à pecuária e agricultura. Seu pai foi trabalhar em uma fábrica de louças chamada Rosenthal que existe até os dias atuais, e a sua mãe começou a trabalhar como auxiliar doméstica.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, a família Boruszenko não poderia voltar para o seu país, pois a Ucrânia estava sendo ocupada pelos soviéticos, e os compatriotas consideravam traidores aqueles que estavam fora do país no período de guerra. Então poderiam ser enviados para a Sibéria, pois nessa região precisava-se de pessoas para colonização. Em seu depoimento, Oksana demonstrou o sofrimento do povo ruteno após a guerra, pois os que saíram já não podiam voltar para a Ucrânia, sendo deslocados para a Sibéria, lugar mantido com forte carga negativa em suas memórias, como pode ser observado no trecho abaixo:

Quando a guerra acabou nós não podíamos voltar para a Ucrânia, como nós havíamos saído com a ocupação alemã e os russos soviéticos integravam lá, e os aliados ganharam a guerra, né! Então quem voltasse para a Ucrânia, diziam: você saiu do país por quê? Traiu a pátria, deixou o país em guerra e foi-se embora do país, agora se você voltar você vai poder viver aqui, mas lá na Sibéria. E deportavam pra Sibéria. Porque na época eles estavam colonizando a Sibéria e precisavam de gente e ninguém queria ir para a Sibéria, o clima, o clima lá é muito inóspito. Então os aliados,... Eles dividiram em acampamentos os refugiados de guerra, então deixamos a terra por conselho dessa família. Nós fomos para um acampamento de refugiados na Bavária sob a direção de norte-americanos que agilizavam mais depressa a saída dos refugiados para Novo Mundo. Na realidade meu pai queria ir para o Canadá porque ele achava que iria trabalhar na estrada de ferro como engenheiro, mas como não deu a nossa ida para o Canadá por causa das cotas porque estavam

preenchidas, e no Brasil precisando de imigrantes, então imigramos para o Brasil.

Oksana tinha em torno dez anos na época da imigração. Desta forma, no trecho acima ela expressa a memória da família, do que ouviu os seus pais falarem, assim como a memória construída socialmente pelo grupo de imigrantes ucranianos com os quais conviveu. Suas lembranças retomam o significado do continente americano, tratado como “Novo Mundo”, para seus pais e para milhares de ucranianos que deixaram a Europa: uma “terra de esperança” e de um “futuro melhor”, não só para os ucranianos que foram deportados juntos com a sua família, mas para todos que desejavam reconstruir a vida após os horrores acontecidos na Segunda Guerra Mundial.

Também foi perguntado para a professora sobre suas lembranças de infância da terra natal:

Oksana Boruszenko: Praticamente nenhuma, como uma criança de quatro anos para cinco anos ela lembra pouca coisa acho que eu comentei com você. **Denis:** Sim, você comentou na semana passada, você falou da sua mãe que fez a *paska* com restos de cascas de batata. **Oksana:** Eu lembro bem disso, calou na minha memória. Bem a minha infância, ou seja, foi uma infância triste, vestidos feios e sapatos apertados. Não adiantava comprar até o último, então até a última folinha da sola. Então, eu não tenho muita recordação da minha infância na Ucrânia, eu tenho mais recordação no campo de refugiados e da viagem para o Brasil.

Oksana falou de uma infância triste. Contou que tem poucas recordações de sua infância na Ucrânia. Mas um fato que está gravado em sua memória é de certa vez sua mãe ter feito um pão típico que é feito nas comemorações da Páscoa, que se chama *paska*, e esse pão ter sido feito com restos de cascas de batata. A lembrança do alimento típico da cultura ucraniana remete a um momento feliz por se tratar de uma data religiosa, que tem o significado de união familiar, aspecto reforçado em outras passagens do depoimento da entrevistada.

A entrevistada conta em sua narrativa que, com a ocupação alemã, seu pai, mesmo sendo engenheiro, foi trabalhar em uma fábrica de louças na Alemanha e sua mãe foi trabalhar como empregada doméstica. Das poucas lembranças de infância, recorda-se de uma infância pobre, mesmo sendo seu pai engenheiro. Quando saíram da Ucrânia perderam grande parte de bens, inclusive o contato com familiares.

O motivo da família Boruszenko ter vindo parar no Brasil é relatado no depoimento abaixo:

Porque o Brasil estava aceitando imigrantes. Porque era mais fácil de vir para o Brasil do que ficar esperando as cotas de imigração para os Estados Unidos e o Canadá; é claro o eldorado era os Estados Unidos e o Canadá. O Brasil, Argentina, América do Sul, Chile, Bolívia, isto sempre tinha lugar pra migrar, as cotas nunca eram preenchidas. E ainda tem um detalhe, que o Brasil na época só estava aceitando imigrantes agricultores; e o que tinha de profissionais liberais que foram correndo fazer um cursinho de técnicas agrícolas para ter um papel que eles eram técnicos em agricultura, não tava no gibi. As próprias autoridades norte-americanas elas incentivavam o curso e davam o curso, promoviam o curso e davam o certificado para que o povo pudesse emigrar.

Sobre a questão do “eldorado” em relação aos países norte-americanos, Estados Unidos e Canadá, considerava-se isso uma vez que se tratava de países “ricos”, os quais se acreditava que ofereciam melhores condições de vida e oportunidade de trabalhos diversos. O pai de Oksana queria trabalhar no Canadá como engenheiro na estrada de ferro, entretanto, as cotas estavam preenchidas para aqueles países, então a família teve que embarcar para o Brasil, porém entraram como imigrantes agricultores, que era a característica pedida pelo governo brasileiro.

Ao ser questionada sobre a quantidade de parentes e amigos que também vieram para o Brasil, e se isso ocorreu no mesmo período, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, a professora esclareceu ser difícil dizer com exatidão quantos parentes e amigos seus vieram da Ucrânia naquele período, pois muitos estavam em locais diferentes, na Ucrânia ou na Alemanha. Entretanto, evocou a memória familiar e destacou terem vindo quatro famílias aparentadas. Já, no navio, existiam aproximadamente mil passageiros.

Conforme seu depoimento, a família ingressou no Brasil como “agricultores”, pois seu pai teria facilitado a entrada da família declarando que os instrumentos de engenharia que trazia, tratavam-se de “instrumentos para melhorar a agricultura brasileira”. É interessante salientar que Oksana frisou que isso esteve relacionado ao fato do famoso “jeitinho brasileiro”, conforme pode ser observado no trecho da entrevista abaixo:

Meu pai entrou como agricultor ele entrou com todos os aparelhos de engenharia, e quando perguntaram pra ele: O que é isso? Ele disse: são instrumentos para melhorar a agricultura brasileira. Ah! Muito bem, é de imigrantes assim é que nós precisamos o senhor entre, por favor. É o país do jeitinho, né?

Já sobre a chegada da família Boruszenko no Brasil, em especial no Estado do Paraná, a questão da fartura dos alimentos causou na vida da família um grande impacto:

O primeiro impacto foi engraçado, porque a comida era muito farta e deixavam gamelas de frutas pra comer entre as refeições, e, sobretudo com bananas, e a banana era muito cara na Europa... Quando eu fiz aniversário de nove anos ganhei uma banana de presente e precisou dividir em quatro partes, que nós éramos quatro na família. Então todo mundo caiu de boca em cima das bananas, deu um desarranjo total. [...]

A fartura de alimentos ficou gravada na memória, assim como a falta de alimentos. Se teve que dividir uma banana com toda a família em seu aniversário de nove anos, no Brasil “todo mundo caiu de boca em cima das bananas, deu um desarranjo total.”

Quando Oksana narrou a entrada no Brasil, deixou claro a mescla de duas memórias sociais, a familiar e a relacionada ao conhecimento histórico, pois é pesquisadora e professora de história:

Olha, chegar no Brasil foi um impacto, sabe. Porque primeiro a gente saiu do navio e foi para ilha das Flores, que fica em frente de Niterói, entre

Niterói e Rio de Janeiro, é uma ilha. Hoje lá está o Ministério do Exército, mas lá era a hospedaria de imigrantes. [...]

Mas lá nós deveríamos fazer a quarentena, como no Brasil se dá um jeitinho, né? Nossa quarentena só durou onze dias e daí nos colocaram num trem e nós fomos fazer uma longa viagem de trem até Marechal Mallet, aqui no sul do Paraná. Rio de Janeiro-São Paulo.

Será que Oksana Boruszenko, quando ainda criança, sabia da localização da Ilha das Flores, na cidade do Rio de Janeiro? Será que também sabia que os imigrantes enfrentavam uma quarentena que buscava evitar epidemias no país? Pode-se raciocinar que tais informações são dela enquanto professora e pesquisadora, pois a imigração, em particular ucraniana, foi um dos seus principais temas de pesquisa.

Ao descrever sobre a chegada da família no Brasil, Oksana demonstrou e reforçou que a família sempre foi ajudada por familiares ou por integrantes da comunidade ucraniana:

Em São Paulo havia um **parente** distante, da minha mãe, que foi na estação para nos ajudar a mudar de trem, e daí com este trem a gente foi para Curitiba, onde também havia uma pessoa da **comunidade** que ajudava a trocar de trem e daí nós fomos de trem até Marechal Mallet, onde morava uma **prima** de minha mãe, e a **família** dela é que nos recebeu. Meu pai queria trabalhar em Santa Catarina. Em Santa Catarina falava-se em alemão, mas o **filho** desta prima havia recém se formou em engenharia e propôs sociedade para meu pai, para irem para o norte do Paraná. Ele entrava com o dinheiro do pai dele... Eram trinta mil cruzeiros... E meu pai entrava com todos os aparelhos que trouxe da Europa. Daí foram eles e nós também morar em Apucarana, no norte do Paraná. Era a época do avanço da fronteira agrícola. Londrina já existia, Apucarana estava se formando, Arapongas também, daí meu pai mediu uma porção de cidades lá, enfim, meu pai trabalhou por um tempão, sabe?

Através de seu depoimento percebe-se a força da memória coletiva, conforme escreve Halbwachs (2006), pois buscou preservar a sua identidade ucraniana. Com isso, os laços comunitários ucranianos aparecem reforçados através da memória de Oksana Boruszenko. Sendo assim, ela continua preservando as suas origens natais na nova pátria, e também o orgulho de ser ruteno e de pertencer ao mesmo elo patriótico. Mesmo em terra estrangeira, Boruszenko sentiu-se protegida

por pessoas da comunidade ucraniana local, inclusive seus parentes que moravam em cidades distantes.

Em relação ao idioma e à educação, Oksana deu o seguinte depoimento:

Lá minha irmã e eu começamos a ir na escola. Como o Brasil é um país que se dá um **jeitinho**, então eu em um ano eu fiz todas as séries, em dois anos perdão, eu fiz todas as quatro séries do primário e mais admissão e daí vim estudar em Curitiba no Colégio Estadual do Paraná. Daí eu já fiquei em Curitiba, morando em Curitiba separada de meus pais, só voltava nas férias, ia passar as férias lá, assim, eu estou em Curitiba desde 1952. É... dificuldade com a língua eu e meu pai quase não tivemos, quando nós resolvemos emigrar para o Brasil meu pai foi fazer um curso de português para estrangeiros, no curso “Berlits” na Alemanha e me levou junto. Claro, eu tava numa turma infantil, mas aprendendo português, só que meu pai aprendeu português de Portugal, com agravante que meu professor era moçambicano, então tinha sotaque de Moçambique. Quando eu cheguei no Colégio Estadual tinha um grande professor na época, que era autor de livros etc. tal, chamava-se Mansur Gueiros, ele disse é você é imigrante né? Peraí vou tirar esse teu sotaque; e realmente conseguiu tirar o sotaque. Só não conseguiu tirar umas expressões que eu uso até hoje, que eu não me livrei delas. Por exemplo, eu não atendo telefone dizendo alô, eu digo, pois não. Isso não saiu isso ele não conseguiu tirar da minha alma. Mas com a convivência com as crianças, criança aprende muito depressa idiomas, e eu particularmente eu tenho facilidade para idiomas.

É interessante que ela pôde aprender a falar português antes de vir ao Brasil, porque tinha facilidade de dialogar com as pessoas do novo país. Este aspecto também ajudou a ela se alfabetizar em português mais rapidamente, o que ela chama de “jeitinho”.

Oksana e a sua família chegaram a morar na cidade de Apucarana, no norte do Paraná. A partir do ano de 1952, a professora teve que morar em Curitiba por causa dos estudos e seus pais continuaram a morar no interior do Estado. Anos mais tarde, ela se tornou historiadora e professora da Universidade Federal do Paraná, pesquisando sobre a imigração ucraniana no Brasil, principalmente para o Paraná, que possui a maior concentração de ucranianos e descendentes no país.

2. MEMÓRIAS DE UMA IMIGRANTE UCRANIANA SOBRE AS SUAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS

Por conseguir preservar suas tradições riquíssimas, sobretudo a arte folclórica, que se mostra original com alto nível artístico até os dias de hoje, e onde se consegue guardar informações do passado nas próprias músicas, a Ucrânia alcança grande visibilidade, mesmo num espaço onde a cultura e a tradição recebem destaque e importância desmedida, a Europa.

Muitas destas tradições trazidas pelos ucranianos para o Brasil, mesmo diante das dificuldades, conforme lhes foi possível e sendo ajudados pela igreja e pelas sociedades ucranianas que começaram a surgir, foram preservadas, enriquecendo culturalmente sua nova pátria.

Conforme Kotviski (2004, p.20):

A grande conquista para a cultura ucraniana no Brasil foi a vinda de padres missionários ucranianos, que mantiveram a unidade da língua falada e escrita. A igreja se tornou um importante centro de preservação e difusão da cultura entre os imigrantes, já começando pela própria arquitetura adotada nas igrejas, sendo idênticas às conhecidas na Ucrânia, de estilo bizantino.

Em seguida, com o surgimento das sociedades ucranianas, solidificou-se a preservação da cultura de seus membros, com a criação de instrumentos que visavam a manutenção dos seus costumes e de sua unidade, como escolas, bibliotecas, grupos folclórico e outros. Esses lugares serviam também para reuniões, onde se discutiam assuntos de interesse da comunidade ucraniana local. (KOTVISKI,2004, p.20).

Os ucranianos são reconhecidos por suas tradições familiares e religiosas, isso nos faz lembrar das principais festas cristãs: a Páscoa que é a celebração da ressurreição de Cristo, e o Natal onde se comemora o nascimento de Cristo. A

historiadora Oksana Boruszenko explicou esta importância das tradições religiosas para os ucranianos em seu depoimento:

Olha, a Páscoa e o Natal são as festas mais importantes para os ucranianos, desde os tempos “pré-históricos”, desde antes da Cristianização, porque na Páscoa eles festejavam a vinda da Primavera, o Solstício de primavera e no inverno, no Natal, eles comemoravam da vinda do inverno. Depois que foram cristianizados no ano de 989, perdão 988, século X, então estas festas que eram pagãs elas se adaptaram e se transformaram em festas religiosas. Então a Páscoa é a comemoração da ressurreição de Cristo e o Natal é a festa do nascimento de Cristo. É claro, como as festas são em épocas diferentes do ano, então, cada um tem tradições diferentes. [...] Então, essas duas maiores cerimônias, maiores festas religiosas entre o povo ucraniano.

Percebe-se que em sua fala de historiadora, Oksana valorizou as principais festas cristãs e relacionou-as com a valorização ao amor da pátria e com a identidade ucraniana. Também demonstrou em seu depoimento orgulho da Ucrânia por ser um país cristão desde os tempos medievais, ou melhor, enfatizou que a cristandade da Ucrânia teria chegado antes dos tempos cristãos. Segundo a tradição cristã, o apóstolo André teria cristianizado a região do Leste Europeu. Assim como Oksana afirma em seu depoimento, Kotviski (2004,p.12) também destaca o início do cristianismo no período medieval na Ucrânia durante o principado de Volodymir, na capital Kiev.

2.1 “*KHRESTÓS VOSKRÉS!*” (“CRISTO RESSUSCITOU”): TRADIÇÃO E MEMÓRIA DA PÁSCOA

A Páscoa é a data mais importante para o Cristianismo, como também para os judeus que segundo a tradição, representa a libertação do povo hebreu da escravidão em que se encontrava no Egito, este fato teria ocorrido no mês de *Nisã* ou *Abibe* (que ia de meados de março a meados de abril). Já para os cristãos na Páscoa se comemora a ressurreição de Jesus Cristo, que teria ocorrido no domingo pela

madrugada, cumprindo-se assim as profecias contidas na Bíblia, em que Deus enviaria seu Filho para salvação da humanidade (UCRANIA ONLINE).

Segundo Kotviski (2004, p.21-23), no cristianismo a preparação da Páscoa ocorre no período conhecido como Semana Santa, que se inicia no domingo anterior à data da celebração da Páscoa, conhecido como Domingo de Ramos, com referência ao que relata a Bíblia quando da entrada triunfal de Jesus Cristo na cidade de Jerusalém.

Como é de conhecimento, a maioria dos ucranianos e seus descendentes aqui no Brasil são considerados como católicos bizantinos⁵, seguindo o calendário gregoriano, da mesma forma que os demais cristãos em nosso país. Contudo há uma parcela menor de ucranianos católicos ortodoxos, que seguem outro calendário para suas comemorações (UCRANIA ONLINE).

Para os rutenos, essa semana é cheia de detalhes e preparativos para a majestosa festa, onde não só todos os familiares se envolvem com as atividades e atribuições, mas também a comunidade se irmana dos preparativos e festejos. Provavelmente de forma mais detalhada e intensa que em outras etnias. Evidentemente nos dias de hoje e principalmente nos centros urbanos, nem todas essas práticas são exercitadas.

Pois no passado, conforme destaca Kotviski (2004, p.22-23), as concentrações de ucranianos se davam no meio rural, em colônias. Quando chegava o período da Semana Santa, nos lares ucranianos eram realizados alguns trabalhos específicos em cada dia das comemorações da Páscoa: segunda-feira, nos lares era feita uma limpeza especial e também realizado trabalho na horta; na terça-feira, eram lavadas as roupas das pessoas do lar; na quarta-feira, continuavam com as

⁵ Conforme destaca Hanicz (2003,p.340), “após a queda de Constantinopla, em 1493, os patriarcas bizantinos ficaram quase totalmente à mercê dos caprichos dos sultões islâmicos do Império Otomano e não podiam prestar assistência à Igreja da Ucrânia que no reino da Pôlonia sofria intensas pressões com o objetivo de assimilá-la ao rito latino, e conseqüentemente, polonizá-la. Da mesma forma, a partir de 1589, os patriarcas ortodoxos russos começaram a estender seus domínios à Igreja-Mãe ucraniana. Estes fatos levaram ao caminho da união de parte da Igreja ucraniana com a Santa Sé romana. A proclamação desta união deu-se no Sínodo de Brest, a 8 de dezembro de 1596. A Igreja ucraniana é chamada também de “uniata” ou “greco-católica”. A união da Igreja ucraniana com Roma foi um cisma dentro da Igreja Ortodoxa”.

limpezas e demais afazeres, finalizando o que havia se iniciado nos dias anteriores, nesse mesmo dia dedicava-se aos preparativos para confecção das pêsankas, que no Sábado de Aleluia eram bentos pelo padre durante à tarde.

Kotviski (2004, p.22) descreve que, na quinta-feira, eram concluídas todas as tarefas do lar, e já começavam os preparativos para a Páscoa. Nesse dia, em muitos lares, o chefe da casa acendia três velas de cera ao redor de uma mesa enfeitada com flores e ramos. Cada vela com um significado: a primeira representava o sol; a segunda os falecidos; e a terceira as pessoas vivas.

Já a Sexta-feira Santa era um dia solene, dividido em duas etapas: antes e depois de ir à missa. Esse dia era um dia de penitências, procissão e veneração do Cristo morto que também é conhecido como “*Plastchanytsia*”, esse ícone era exposto até no dia de sábado. Era proibido nesse dia falar em voz alta, trabalhar e fazer qualquer tipo de ofensa, para qualquer pessoa.

No sábado, eram preparados os últimos ajustes para as celebrações da Páscoa, nesse dia eram feitos os tradicionais “*paska*”, o pão de Páscoa e também eram separados outros alimentos, como carne de porco assada, requeijão, manteiga, ovos, queijo e outros, os quais não podiam ser consumidos durante a Quaresma. À tarde por volta das 16 horas o padre da paróquia local benzia com a água benta os alimentos expostos nas cestas de cada família ucraniana (KOTVISKI, 2004, p.22).

Oksana relembra a sua infância durante as comemorações da Páscoa depois que chegou no Brasil. O benzimento dos alimentos permanece vivo em sua memória:

Não tinha igreja, mas tinha rito bizantino bem entendido né, mas tinha uma igreja ortodoxa numa colônia perto de Apucarana, a colônia na Nova Ucrânia. Eu lembro desta igreja, ia num... ia de caminhonete, na boleia da caminhonete para levar a Páscoa, para benzer [...] E na Páscoa como o padre tinha que benzer os alimentos né, isso não existia na igreja latina, a gente ia nessa colônia, ia dar uns quinze ou dezoito quilômetros da cidade só para benzer e assistir a missa...e benzer a paska, isto eu lembro da minha infância.

No domingo de Páscoa é realizada a missa considerada mais solene do ano litúrgico cristão. A missa começava na madrugada, por volta das quatro horas, indo até as sete horas. Nesse dia os ucranianos se cumprimentam com a saudação: “*Khrestós Voskrés!*” (“Cristo ressuscitou”). Depois da missa eram realizados os almoços de Páscoa com os familiares e amigos, e a distribuição das pêsankas. Por fim, no último dia das comemorações, na segunda-feira, havia uma espécie de brincadeira entre os jovens que jogavam baldes com água para molhar uns aos outros, como forma de saudação pela chegada da primavera (UCRANIA ONLINE).

Estes preparativos da Semana Santa ucraniana também são apresentados por Oksana em seu depoimento abaixo, como relata em suas lembranças nas comemorações da festa da Páscoa:

Agora, enquanto a Páscoa é vem vindo a primavera, vem a primavera, faz a Quaresma é o período ainda frio, ainda não se começou muitos trabalhos domésticos, fazem-se os ovos de Páscoa, ovo de galinha são ovos pintados em várias cores, vários modelos, depois eu até posso mostrar isso o que tá em casa, tenho vários modelos. Este ovo também na antiguidade, antes do cristianismo era a ressurreição da vida né, do ovo surge o pintinho, surge a primavera, tatata. E depois da cristianização, ele representa a ressurreição de Cristo, e também o tempo da Quaresma durante quarenta dias não se come carne de gado e determinados alimentos, a Semana Santa é uma semana de jejum rigoroso que não se come nem leite e nem queijos, e nem manteiga, então também é preparado um desjejum farto, e assim o que tem dentro de interessante na Páscoa é que no sábado ao entardecer, as mulheres preparam uma grande cesta onde deve ter um pedaço de pernil, queijo, manteiga, raiz forte, a paska o pão de Páscoa um pão doce redondo, bem enfeitado por cima etc e tal, e até tem concurso de paska, qual paska é a mais bonita, a paska é o pão de Páscoa e a cesta enfeitada com esses ovos pintados que são chamados de pêsânka. Com tudo isso, estes cestos vão para a igreja, assistam a missa, e depois da missa o padre benze essas cestas, isso você pode ver em Curitiba inclusive, tanto nas igrejas no sábado à tarde no Sábado de Aleluia, quanto no Memorial Ucraniano às 16 horas da tarde. Preparam filas, hum, o padre faz lá uma reza e benze todas essas cestas. E daí essas cestas, eles fazem o café da manhã em família. E daí também na cidade não observam muito isso, mais no interior nas colônias sobretudo, no domingo após esse desjejum os meninos balançam os sinos das igrejas, no pátio, os jovens fazem folguedos de Páscoa sabe, ou seja, cantos de roda, é torres humanas, enfim, folguedos... que são chamados folguedos de Páscoa.

Não se pode separar a visão histórica da visão patriótica-cristã da professora Oksana Boruszenko em relação as comemorações da Páscoa, uma vez que a identidade ucraniana une a identidade do povo e a religião. Oksana explica sobre os rituais da Páscoa e ao mesmo tempo relembra as suas memórias no período em que viveu e pratica até hoje essas tradições, conforme ela citou em um dos seus depoimentos sobre a sua infância na Ucrânia até a chegada no Brasil, em especial o Estado no Paraná, onde mora até hoje na capital Curitiba desde 1952. Observa-se conforme defende Halbwichs (2006), que as lembranças de Oksana unem a cultura ucraniana e o que ela viveu no passado e o que vive no presente.

2.1.1 Pêssankas: a arte de pintar ovos de Páscoa.

Uma das tradições que os ucranianos fazem durante as comemorações da Páscoa são as pêssankas, que são ovos pintados de várias cores e com vários desenhos simbolizando a fé ucraniana. Essa tradição de fazer a pêssanka também apareceu no depoimento de Oksana Boruszenko: “[...]fazem-se os ovos de Páscoa, ovo de galinha são ovos pintados em várias cores, vários modelos [...]”

Kotviski (2004, p.24) ressalta que a palavra pêssanka vem de origem do verbo *pessaty*, cujo significado é escrever. O autor ainda informa que a origem ucraniana deste objeto cultural é incerta, entretanto, arqueólogos encontraram uma pêssanka de cerâmica datada de 1300 A.C.

Nos tempos pagãos, as pêssankas eram entregues no dia da festa da Primavera, com as homenagens ao deus mitológico Dajbóh, o deus Sol. Nesse dia, eram feitas grandes fogueiras nas aldeias e ofereciam presentes, inclusive as pêssankas a Dajbóh com a chegada do Sol. (KOTVISKI, 2004, p.24)

No ano de 988, a Ucrânia adotou o cristianismo como a religião oficial, mas a nação local continuou a preservar os rituais da festa pagã da Primavera. Com a

chegada do cristianismo na Ucrânia, a festa da Primavera logo se tornou a Páscoa Cristã com outro sentido a ser comemorado. (KOTVISKI, 2004, p.25)

Com o passar do tempo, as pêsankas foram feitas para serem entregues às pessoas da família e amigos durante as comemorações da Páscoa, como também em outras datas importantes como casamentos e nascimentos, tendo assim a intenção de dar energias positivas ao próximo.

Para Kotviski (2004, p.25-26):

Na conturbada histórica da Ucrânia, o povo por muitos períodos de instabilidade social, com a miséria e a opressão imperando sobre seus lares. Domínios russos, poloneses, austríacos, húngaros, duas guerras mundiais, o consumismo [...] e as pêsankas continuam acompanhando a vida dessa gente que veio agora para o Brasil em busca de um futuro melhor para seus filhos, trazendo na bagagem uma cultura milenar, que, mesmo longe da terra natal, continuou sendo mantida... Apesar de toda dificuldade enfrentada na adaptação a um meio ambiente totalmente adverso, com condições materiais precárias, esse povo se considerava feliz, por agora possuir um bem inestimável à que só damos valor quando perdemos: a liberdade.

A chegada dos ucranianos no Brasil, a arte de fazer pêsankas teve espaço e sendo incorporado pela cultura nacional, pelos descendentes de ucranianos. Kotviski (2004, p.26) salienta que, segundo as tradições rutenas, as pêsankas são consideradas como talismãs livrando as pessoas queridas dos males enfrentados, e também serve como amuleto de sorte.

Tanto Kotviski, quanto Boruszenko afirmam a importância da tradição de fazer pêsankas. No depoimento abaixo, Okasana relata como se faz detalhadamente uma pêsanka e afirma que esse objeto serve também como talismã na cultura rutena:

Os descendentes cultivam esse, este artesanato de geração a geração. Tanto que fazer pêsankas se ensinam nos clubes, nas associações, no Clube Ucraniano na Augusto Stelfeld que tem uma escolinha que funciona aos sábados. Onde as crianças aprendem o idioma, a história, danças, fazer pêsankas, bordar e fazer bordados. Então você desde...de criancinha, pequenininha, já desenhando o ovo de Páscoa que é uma

técnica complicada. Você sabe como que faz isso? Como que faz a pêsanka, você tem ideia? ovo branco bem limpinho, primeiro risca o modelo com lápis, depois que tudo, que ficar branco você cobre com uma canetinha, você põe uma bolinha de cera e esquenta na vela, põe aquela cera derretida e cobre tudo que ficar branco, e enfie na tinta amarela, seca tudo que ficar amarela, você cobre aquele trabalhinho da vela, todos os quadradinhos, florzinhas, o miolo das florzinhas etc. e tal. Você cobre de cera, põe tinta vermelha, depois tira, é o mesmo processo põe na tinta azul, põe na tinta verde e assim a da mais clara para a mais escura. E na última tinta, põe a tinta preta, e você dá uma fervida no ovo, e você tem que ter cuidado na hora que você tira, não deixe ferver pra escapar da panelinha, ou com uma colher ou com uma concha já meio própria para isso, própria com esta finalidade que seja côncava, o ovo não escape nem pro lado nem pro outro, não pode ser com uma escumadeira comum. Então um...esqueci o nome, uma peneirinha você tira o ovo e limpa ele com uma flanela enquanto estiver quente com a cera, e daí deixa ele descansando. Então, mas como a quaresma é longa e ainda é na Europa é frio, isto é feito nas noites dentro das casas. Então... mas ela tem o seu significado também, tem o teu significado religioso, e tem o seu significado como talismã veja, essas são de madeira eu ganhei na Ucrânia e como esse povo é um povo supersticioso, estas são para afastar mal-olhado.

Questionada sobre a importância da pêsanka entre os ucranianos e descendentes, Oksana afirmou que esse objeto cultural serve de talismã nos lares, contra mal olhado e a inveja. Salientou que quanto mais ela resistir, mais sorte e saúde o dono da pêsanka terá na vida. Esses conhecimentos gerais ela adquiriu desde a infância na Ucrânia demonstram sua preocupação em preservar sua cultura.

Em seu relato, Oksana detalha cada passo, os instrumentos a serem usados para fazer as pêsankas. Ela relata que desde cedo as crianças ucranianas e descendentes já começam a aprender a fazer pêsankas, e através de seu relato quase que se pode pensar que ela aprendeu e conviveu com essa arte milenar cultural.

Segundo Kotviski (2004) e Sganzerla (2007), as cores nas Pêsankas são relacionadas com símbolos. Cada região da Ucrânia usa combinações características em seus desenhos. As pêsankas mais antigas eram compostas por apenas uma ou mais cores. Gradualmente, com o passar do tempo, os camponeses se tornaram mais íntimos da natureza e foram buscando novas cores, em tonalidades diversidades. Os projetos mais antigos tinham valor místico, quando possuíam quatro ou cinco cores,

cada uma carregando uma mensagem de uma família, feliz, paz, amor, saúde ou sucesso.

De acordo com os autores Vilson José Kotviski (2004) e Eduardo Sganzerla (2007) pode-se notar a importância da simbologia das cores:

- **Preto:** representa o absoluto e a morte. Nas pêsankas, preto, constatado com vermelho, denota ignorância que nasce da paixão, enquanto em contraste com branco significa a ignorância da mente.
- **Branco:** pureza, inocência e nascimento, virgindade. Pêsankas do fundo branco eram usadas no sepultamento de crianças.
- **Preto e branco:** Representa proteção do mal. Na Ucrânia, decoravam-se ovos em preto e branco para honrar as lamas dos falecidos da família.
- **Amarelo:** É cor consagrada às divindades da luz: lua e as estrelas. Simbolizam pureza e luz, boa colheita e sabedoria.
- **Laranja:** É o símbolo do sol. Representa poder, resistência, ambição.
- **Vermelho:** Consideradas cores positivas, que demonstra vigor, esperança, felicidade e paixão. É a cor do sangue derramado e conta bravura, nobreza e entusiasmo. No simbolismo cristão significa o amor divino e a paixão de Jesus Cristo.
- **Marron:** Símbolo positivo, cor de terra e das longínquas montanhas. Tem conotação com a colheita, pois é a cor do outono.
- **Cinza:** Não é uma cor positiva. Resultado da mistura das cores preta e branca é utilizado para separar cores fortes.
- **Azul:** É considerada uma cor ativa pelo contraste com as cores quentes. Representa o céu, o ar que permite a vida, magia, juventude e saúde.

- **Verde:** Representa a primavera, renascimento da natureza e prosperidade do reino vegetal. Simboliza também felicidade e juventude.
- **Roxo:** É a cor da alta vibração, sempre foi associada à nobreza. Nas pêsankas, a fé e a confiança.

Conforme descreve Sganzerla (2007, p.54), usados na era pré-cristã, os símbolos passam a ter novos significados agora dentro dos parâmetros da fé cristã, embora não se saiba exatamente em que momento aconteceu essa transição. Tanto Sganzerla (2007) quanto Kotviski (2004) destacam que a temática usada na decoração das pêsankas divide-se em três grupos: motivos geométricos, motivos vegetais e motivos animais, aspectos que são sintetizados abaixo:

a) Motivos geométricos

- **Círculos:** É a representação mais naturalista do sol. Linhas em sentido divergente simbolizam os raios solares. A interpretação pré-cristã tinha o sol como o centro do universo, como impulsionador da fertilidade, e da vitória da luz sobre a escuridão. Um círculo que contém um ponto representa o momento em que a Terra recebe a luz do sol, com a chegada da primavera. Um círculo com uma cruz no centro representa a Verdade Divina. O círculo dividido em duas partes iguais representa a polaridade, como a noite e o dia, o verão e o inverno, a vida e a morte. Sendo circundado por pequenos traços, lembrando uma aranha, simboliza os raios do sol. Nas representações dos círculos também são lembradas das danças da festa da primavera, na época pré-cristã.
- **Estrelas:** É usada extensamente na decoração das pêsankas e representa o amor de Deus para com o homem, e também o nascimento de Jesus Cristo.
- **Diamante:** símbolo da sabedoria.

- **Linha:** È chamada de “bezknéchnyk” (infinita) simboliza a eternidade.
- **Moinhos de ventos:** símbolo da felicidade, da fortuna e boa vontade.
- **Tripé:** provém da era Tryoillian, e tem relação com o número 3.
- **Pontos:** Podem ser pequenos ou grandes; às vezes, distribuídos de maneira que sugerem estrelas. Representam a lágrima da Santíssima Virgem por seu filho Jesus.
- **Símbolos Solares:** Os símbolos solares incluem variações de círculos, de moinhos de vento, tripés, estrelas, etc. O sol e os desenhos cósmicos significam a felicidade, prosperidade e a fartura. O processo para fazer pêsankas já tem um simbolismo ligado ao sol: a cera foi feita de mel, o mel coletado das flores, as flores cresceram por causa do sol. Exemplo: Sol: vida longa, crescimento, boa sorte, fortuna e felicidade.
- **Cruz:** Mesmo para os antigos ucranianos, na época pré-cristã, a cruz era símbolo da vida. Existem muitas variações de cruzes nos projetos de pêsankas, sendo sempre relacionados à fé cristã.
- **Significado:** Imortalidade. Aparece em várias formas e é um dos motivos mais usados, simbolizando também a paixão, e a morte, a ressurreição de Cristo e a eternidade.
- **Cruz de duas linhas:** Essa forma é a mais simples de estrela, e representa o masculino e o feminino na Criação, ou ativo e o passivo, a matéria e o espírito. Pode simbolizar também o desenvolvimento do ser humano: infância, juventude, maturidade e velhice.
- **Crivo/cesta:** É o símbolo que divide o bem e o mal. A cesta sugere conhecimento.
- **Espiral:** Representa a imortalidade.
- **Rastelo:** Representa a boa administração e a prosperidade.
- **Escada:** Sugere pesquisa, procura investimento, ascensão na vida.

- **Rede:** Divisão entre o bem e o mal, esse é comum nas pêsankas hutzules, o povo montanhês ucraniano.
- **Pente:** Símbolo do sol, os raios podem simbolizar a Santíssima Trindade ou os três estágios da vida: nascimento, idade adulta e morte.
- **Curvaturas:** Significam proteção e defesa.
- **Igrejas:** Esse tipo de desenho aparece somente depois que aceita o cristianismo. Os esboços, básicos representam versões estilizadas das belas igrejas de madeira dos Montes Cárpatos, com telhados triangulares característicos. Os desenhos de igrejas aparecem somente na Ucrânia Ocidental. A combinação geométrica da cruz e dos triângulos forma o símbolo da igreja – motivo muito popular na região de Hutsulchtchyna, que representa o Cristianismo. Exemplo: Triângulo: Santíssima Trindade.

b) Motivos vegetais

- **Plantas:** Essas composições expressam predominantemente o fim do inverno, com a chegada da primavera, a reabilitação da natureza e da vida. Esse tipo de pêsanka é um talismã, não só para o crescimento das plantas, mas também para o bem-estar dos seres humanos. Exemplo: Flores: amor e felicidade.
- **Folhas:** São igualmente símbolos de amor. A folha de “dub” (carvalho) representa força.
- **Trigo:** Traduz desejos de boa colheita.
- **Pinheiro:** Simboliza vigor, saúde, eterna juventude.
- **Frutas:** Representam sabedoria e saúde.
- **Rosáceas:** São símbolos de beleza e sabedoria.
- **Árvore:** Representa o renascimento da natureza e vida.

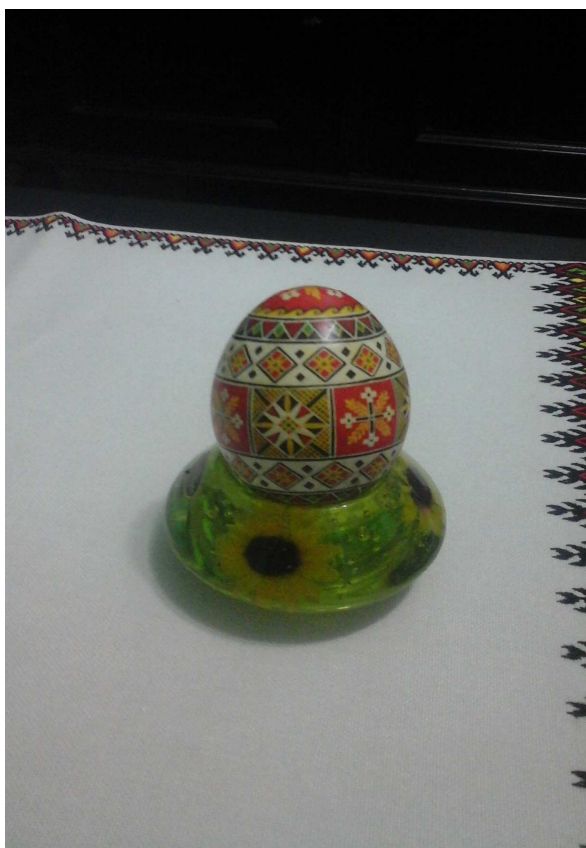
c) Motivos animais

- **Animais:** Estes símbolos não são usados como tanta frequência, a serem comparadas com os demais exemplos apresentados. Os objetivos geralmente são da região dos Montes Cárpatos, na Ucrânia Ocidental e são representados animais junto com símbolos geométricos. Exemplo: Cavalo, veado, carneiro, cervo e touro: riqueza, saúde e liderança.
- **Peixes:** Cristianismo.
- **Galo e galinha:** fertilidade.
- **Pés de aves:** orientação para o jovem.
- **Chifres:** força e liderança.
- **Borboleta:** Ressurreição.
- **Aranha:** paciência.
- **Cegonha, galo, galinha e pardal:** alegria e fertilidade.
- **Pássaros (rouxinol, cegonha e andorinha):** chegada da primavera.
- **Pés de ganso:** alma e espírito.
- **Patas de urso:** bravura, sabedoria, força e resistência.
- **Patas de coelho:** humanidade do homem.
- **Dentes de lobo:** lealdade e a sabedoria.

Por ser ucraniana, historiadora e também por preservar essa arte tradicional do seu país, Oksana possui várias pêsankas em sua residência. Esse amuleto pode ser visto não só nos lares dos ucranianos e seus descendentes, mas também nas feiras da cidade de Curitiba, e no Memorial Ucraniano próximo ao Parque Tingui.

Entre as pêsankas que possuí, a mais especial, aquela que marcou sua vida, Oksana escolheu a pêsanka abaixo:

FIGURA 1: Pêssanka de Oksana Boruszenko



Acervo pessoal.

A pêssanka escolhida por Oksana nos mostra algumas figuras geométricas e vegetais. Oksana conta que essa pêssanka ela ganhou no ano de 1999, feita por sua amiga Filomena Protesk, que é considerada uma das melhores artesãs de pêssanka do Paraná. Ela mora em Prudentópolis. Além de ser artesã, Filomena é também catequista e professora de matemática.

Na entrevista, a professora Oksana conta detalhadamente o significado das figuras inscritas nesta pêssanka e demonstra firmeza, crença que faz parte da sua cultura:

O trigo representa a fartura. As linhas curvas que não acabam nunca representam a eternidade. A cruz representa a religiosidade. Os quadradinhos representam a amizade, a linha em volta com esses triângulozinhos é vida longa. Então significa que não vai me faltar nada, vou ter fartura, vou ter fé, acredito na eternidade, vou ter amigos a vida toda.

Por fim cada cor desta pêsanka tem um significado:

- Vermelho: amor e paixão.
- Branco: pureza.
- Verde: juventude e esperança.
- Amarelo: sabedoria e luz.
- Preto: fidelidade absoluta.

2.2 “*KHERSTÓS RODÊVCIA!*” (“CRISTO NASCEU!”): TRADIÇÃO E MEMÓRIA DO NATAL

Conforme destaca Koubetch (2003), depois da festa da Páscoa, o Natal é considerado a segunda data mais importante do cristianismo. Para os católicos romanos e as demais denominações cristãs o Natal é celebrado no dia 25 de dezembro, no calendário gregoriano. Segundo a tradição, o imperador romano Constantino declarou a data do nascimento de Jesus Cristo no dia 25 de dezembro, que na cultura pagã era considerada o dia da comemoração do deus Sol. Já os cristãos ortodoxos comemoram as celebrações do Natal no dia 07 de janeiro, seguindo o calendário Juliano.

Para os ucranianos, o Natal é uma das festas mais alegres e solenes, sendo a verdadeira essência dessa festa a chegada do Filho de Deus, Jesus Cristo, fazendo-se homem por amor da humanidade. Durante as celebrações do Natal, os ucranianos preparam o ambiente no lar e fazem os ajustes da Ceia de Natal. As mulheres fazem o serviço de limpeza e as decorações tradicionais como a árvore de Natal, cheia de

enfeites, e na sala é colocado o presépio, que na verdade para os rutenos, em vez de fazer um presépio de estatuetas⁶.

No presépio é exposto um ícone da cena da natividade, que é representado com o Menino Jesus deitado na manjedoura ao lado dos animais em uma gruta. No ícone aparecem também Maria e José com os anjos, em especial o anjo Gabriel. Esses anjos anunciam aos pastores a chegada do Salvador prometido, a estrela guia e também os três reis magos (Gaspar da Índia, Baltazar da antiga Pérsia, o atual Irã, e Belquior ou Melquior de Sabá, atual Etiópia na África). Vindos do Oriente cada rei mago traz um presente especial, tendo o seguinte significado: ouro simbolizando Jesus como rei dos reis; incenso, porque Ele é o sacerdote dos sacerdotes; e mirra, como sacrifício pelo qual Ele passaria.

Além do Natal, os ucranianos celebram também o dia de São Nicolau, um dos santos mais populares da Igreja Oriental, que no Ocidente para a grande maioria é conhecido como o “Papai Noel”. Suas celebrações ocorrem no dia 06 de dezembro. Para o ucraniano esse santo é o protetor principalmente das crianças. Nesse dia, as crianças ucranianas trocam presentes. (Koubetch, 2003)

Koubetch (2003) destaca que na ceia a mesa é forrada com feno retratando a manjedoura onde o Menino Jesus foi colocado na noite em que ele nasceu. Também são colocados doze pratos típicos do Natal ucraniano, cada um representando os doze apóstolos. Durante a ceia, é feita uma oração de agradecimento a Deus pela chegada de seu Filho para salvar a humanidade do pecado. Concluída a oração, é feita a seguinte saudação: “*Kherstós Rodêvcia!*” (“Cristo nasceu!”) e todos dizem *Slavimo Iohó* (“Glorifiquemo-lo”).

Depois que a ceia está quase concluída, os jovens entoam as tradicionais canções de Natal, e junto com as suas famílias fazem procissões rumo à paróquia local. Esses grupos de jovens cantores fazem visitas a vários lares e são recebidos

⁶ Atualmente, entre os descendentes ucranianos do Estado do Paraná, que seguem o catolicismo bizantino e também algumas denominações cristãs, em suas paróquias e casas encontram-se presépios feitos de estatuetas. Já os descendentes ucranianos da fé ortodoxa continuam preservando em montar ícones conforme a Igreja Católica Ucraniana Ortodoxa.

com muita alegria. No final, desejam aos donos do lar que tenham todos um próximo ano de conquistas e paz. Finalizando o ritual, são recompensados com alimentos e também com uma pequena recompensa financeira para ajudar a paróquia a qual pertencem.

Esta tradição natalina do cancionero aparece também nas lembranças de Oksana Boruszenko:

Eu conheço algum costume, específico só o do cancionero, eles vão pras casas, inclusive aqui no Brasil tem os cantores de Natal sabe, e tem até duas semanas depois, dois domingos mais tarde, eles são muito...vão muito nas casas e vem o coral inteiro na tua casa para cantar três ou quatro canções de Natal. Você recebe eles a gente já sabe os dias que eles vêm, você se prepara para servi-los, as vezes com pouca coisa, as vezes com mais coisa depende do horário que ele vêm, geralmente ele vêm com uma finalidade. Eles coletam dinheiro para uma determinada, ou para cobrir ou reformar o salão paroquial, o coral da igreja, ou do clube para adquirir mais trajes folclóricos, sempre tem uma causa específica para onde vai o dinheiro, tá. Você recebe com um lanche e você faz geralmente um donativo você dá um envelope.

Outro costume realizado é a colocação de um prato vazio perto de uma cadeira vazia. Segundo a tradição, após retornarem da “Missa do Galo”⁷, os ucranianos se reúnem para um jantar solene, e acreditam que os familiares já falecidos compartilham da ceia.

Em suas memórias de infância, a professora lembrou de manter a tradição de ir à missa: “Ia na igreja latina, depois do jantar ia na Missa do Galo. Então a gente ia na Missa do galo na cidade mesmo na igreja latina, em casa fazia tudo, cultuava a tradição do Natal” (BORUSZENKO, Entrevista, 2016). Oksana também ainda preserva a tradição de colocar um prato vazio na mesa de Natal para os seus familiares falecidos, como pode ser observado no relato abaixo:

[...] aí sim por exemplo antes do jantar do Natal, antes de sentarem à mesa fica um prato vazio na mesa, na minha família são várias mesas, mas na mesa principal, onde sentam os mais velhos, sempre fica vazio e o

⁷ Segundo a tradição católica cristã, um galo cantou fortemente na madrugada quando Jesus nasceu em uma gruta na cidade de Belém da Judeia, durante o reinado de Herodes, o “Grande”, e no Império Romano de César Augusto.

prato do kutiá, é deixado a noite inteiro na mesa em cima daquela mesa, o prato vazio é pelos mortos da família e se caso isso é uma superstição. Mas caso os mortos queiram vir participar da ceia de Natal, então eles vêm enquanto a gente vai a missa e comem a kutiá, então é claro isso não acontece mas é a tradição deixar o prato vazio para os mortos, os finados, e para deixar o Kutiá para os deixar servir...interessante isso até hoje.

Koubetch (2003) apresenta uma lista dos pratos da ceia do Natal, feitos durante o fim de ano pelos ucranianos no período do Natal:

- **Kutiá:** trigo em grãos cozidos, uvas passas, outras frutas cristalizadas, nozes ou castanhas e sementes de papoula, tudo adoçado com mel. O trigo representa a fartura, o progresso, o bem estar. O mel transmite a idéia de que a vida deve ser temperada com a alegria da saúde, do bem-estar, na amizade, paz e unidade familiar. Simboliza o trabalho do agricultor e das abelhas. Também representa os entes queridos que faleceram, criando um elo entre os vivos e os mortos.
- **Borchtch:** sopa de beterraba e repolho servida com pão de centeio.
- **Mlêntsi ou Nalèsneke:** um tipo de panqueca.
- **Varénneke:** espécie de pastel, que antigamente era recheado com repolho, trigo-sarraceno, ameixas, geléias ou sementes de papoula. Na região da Galícia, Ucrânia Ocidental, é chamado de perih, enquanto na Ucrânia Oriental perih é uma espécie de pãozinho branco assado no forno contendo algum recheio. Embora o recheio de batata com requeijão tenha se tornado popular entre nós, na ceia de Natal era raramente usado, haja vista ser a batata desconhecida para os ancestrais ucranianos, tendo chegado na Ucrânia entre os séculos XVII e XVIII.
- **Holubtsí:** rolinhos de repolho recheado com trigo-sarraceno, cebola e cogumelos. Na Ucrânia, são preparados com folhas de repolho em conserva, no período da neve, sendo que em outras estações do ano são usadas folhas frescas de repolho ou de beterraba.

- **Krejalkê:** espécie de repolho cozido, temperado com água, sal e iguarias.
- Peixe em conserva.
- Várias espécies de pão, biscoitos de mel.
- **Kárcha:** espécie de cevada moída, preparada com iguarias.
- **Hrebê:** espécie de cogumelos cozidos, preparados em forma de salada ou em forma de molho, para serem consumidos com os demais pratos.
- **Kalatch ou Kolatch:** pão doce, em algumas regiões, com recheio de doces de frutas. O pão representa a colheita do ano e é adornado com uma vela que iluminará a mesa e deve permanecer sobre a mesa durante três dias.
- **Kómpot ou Úzvar:** compota feita de variadas frutas guardadas em conserva desde o verão: cereja, ameixa, pêra, maçã e uva. Em algumas regiões é preparada com bastante calda, de forma que pode ser usada também como suco substituindo as bebidas alcoólicas. Podem ser servidos outros pratos: kapusniák: sopa de repolho; perijkê: pasteizinhos assados recheados com repolho ou com doces de frutas; pepinos e outros mais.

Em suas memórias, Boruszenko demonstrou que preserva essas tradições durante as comemorações natalinas:

O Natal é no inverno, então a ceia de Natal ela tem doze pratos, por quê? Porque eram doze os apóstolos. E tem um cardápio específico, inclusive neste dia não se come carne de gado. Só é servido no inverno da ceia que chama-se kutiá. K-u-t-i-á, kutiá, que é feito de trigo, de mel, de papoula e de nozes. É um doce assim... meio molengo, mas cada... trigo significa bonança, fartura; o mel significa que a vida lhe seja doce, né, a papoula que representa a felicidade, que a vida lhe seja tão feliz e que expressasse a felicidade como a papoula esparrama as suas sementes, e também as nozes têm o mesmo significado da papoula. Depois vem os outros pratos né: pastel cozido com batata, charutinho de trigo sarraceno, e peixes têm vários tipos, pão tem vários tipos até de os doze pratos. Bom, isso quando a ceia da Páscoa, depois da ceia, tipo meia noite um pouco antes da meia

noite vão todos assistir a missa. E depois da missa já alta madrugada né eles saem em grupos de jovens, grupos de adultos, cantando pelas casas canções de Natal. Geralmente os jovens vão visitar seus padrinhos, suas madrinhas, enfim, e o cancionero de Natal também é dos meios interessantes, porque tem canções que tem melodias, as melodias centenárias, mas as letras são realmente letras religiosas, que remetem ao nascimento de Cristo.

Durante a entrevista, o significado da festa do Natal para Oksana é fortíssimo em suas lembranças, para ela significa reunião familiar e preservação das tradições de sua cultura:

Reunião de família, porque no Natal se reúne toda a família, inclusive eu não faço o natal em casa, quando chegar a minha vez de fazer o Natal em casa vou ter que alugar um espaço, porque a minha família é grande e o meu apartamento não é tão grande assim. Ele é bom pra mim, mas a minha família tem cinquenta e duas pessoas, e no próximo Natal vai ser cinquenta e três, então pra mim significa reunião de família, e claro também uma festa religiosa. Uma festa sendo uma das grandes festas religiosas, a gente procura na medida do possível, preservar as tradições. Antes de mais nada, para mim pessoalmente representa reunião de família, todo ano é alguém da família que reúne a todos de casa e todo mundo vai.

Entre os elementos culturais do Natal ucraniano, uma das representações é o ícone da Natividade. Em seu depoimento, Oksana deixou claro o significado deste ícone:

Significa Natal [...] É um determinado gênero de pintura [...] Representam a religiosidade do povo, é por isso que você tem o ícone de São Nicolau, o protetor das crianças; você tem o ícone da Natividade que representa o Natal, você tem o ícone de vários santos, mas tudo em quadros, certo?

O ícone que pode ser observado abaixo, enfeita a sala da casa da professora Oksana, não só no mês de dezembro, e sim durante o ano todo:

FIGURA 2: Ícone da Natividade de Oksana Boruszenko



Acervo pessoal

Ao analisar este ícone, inspirando-se nas análises que Koubech (2003) faz para outros ícones, observa-se que, no meio dele é encontrada uma gruta escura, representando o “mal”, onde está a manjedoura. Dentro desta gruta, está Jesus Cristo, “a verdadeira luz para o mundo”. As faixas que envolvem a criança, relembram as faixas mortuárias das quais sairá o “Cristo Ressuscitado”.

Há um único raio de luz, saindo da estrela, que pode ser analisado como representando “um único Deus”. Este raio torna-se tríplice, em evidente alusão à “Trindade”, e desce sobre Maria e seu Filho. No alto do ícone, a esquerda, há um anjo em posição de adoração ao “recém nascido”; já direta um anjo anuncia ao pastor a chegada do “Salvador prometido”. Na base inferior do ícone está José de forma pensativa, por causa da “virgindade de Maria”, talvez num momento de “tentação”. No meio, junto ao recém-nascido, está sua mãe, deitada sobre panos, voltada para o contemplador, a pessoa que olha o ícone.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro capítulo, chamado Imigração e Memória, tratou da saída dos imigrantes ucranianos em direção da cidade portuária italiana de Gênova, rumo ao continente americano, no qual estão: Estados Unidos, Canadá, e principalmente o Brasil. No Brasil, os ucranianos são encontrados em diversos Estados, mas o Estado que mais acolheu a imigração rutena foi o Paraná durante a década de 1890. Entretanto, novas levas de imigrantes chegaram durante o século XX.

Nessas levas de imigrantes, a família Bruszenko emigrou para o Brasil no final da década de 1940. Em seu depoimento, Oksana Boruszenko lembrou da infância triste que viveu na Ucrânia durante a Segunda Guerra Mundial. Através de sua memória, ela reforçou aspectos da memória coletiva, como por exemplo dos sofrimentos enfrentados por sua família e os demais ucranianos na Europa. Outro aspecto tratado neste capítulo, foi a saída da família da Europa rumo ao Brasil. Boruszenko descreveu a fartura de alimentos em que a nova terra servia aos demais imigrantes, e também de novas oportunidades de trabalho, principalmente na área agrícola, no interior do Paraná.

O segundo capítulo tratou sobre importância das comemorações das festas cristãs que são a Páscoa e o Natal. Nele também foram analisadas as memórias de Oksana sobre tais tradições religiosas, que significam a união familiar e a preservação de sua cultura. Conclui-se que não se pode separar a visão patriótica e histórica da professora Oksana Boruszenko, pois as festas cristãs complementam a identidade do povo ucraniano, como pode ser visto no depoimento abaixo:

Lá na Ucrânia eu gosto muito dos festejos de Natal, acho muito bonita a ida para a igreja, os cantos. Agora aqui no Brasil, gosto muito da Páscoa em si sabe, gosto muito de ir para o Memorial Ucraniano, ultimamente tenho ido na igreja mesmo para benzer a cesta né. Mas gosto muito de ir também ao Memorial, acho muito bonito aqui no Brasil. Porque é uma festa que cai assim geralmente em abril, ainda está quente, então mais parecida com os festejos feitos na Ucrânia né. Até acho a Páscoa é mais preservada no Brasil do que o Natal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREAZZA, Maria Luiza. *O Paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana 1895-1995*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

BATISTA, Fábio Domingos; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar; CORRÊA, Sandra Rafaela Magalhães. *Igrejas Ucraniana-arquitetura da imigração no Paraná*. Curitiba: Instituto Arquibrasil / Petrobrás Cultural, 2009.

BORUSZENKO, OKSANA. *Os ucranianos*. 2 ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1981.

BORUSZENKO, Oksana. *Os Ucranianos*. 2 ed., BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, volume 22, nº 108 outubro/1995.

BOSCHILIA, Roseli. *A construção de uma história: a presença étnica em Araucária*. 2.ed. Araucária: Prefeitura Municipal, 2010.

CARNIERI, Helena. "Genocídio ucraniano ainda é negado." In: *Gazeta do Povo*, 13/06/2008, p.24.

COSTENARO, Eliane Crestiane Lupepsa. *Para a dona de casa: comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis/PR, 1963-1976*. Dissertação, pós-graduação em História, da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, 2013. Disponível em:

http://www2.unicentro.br/ppgh/files/2014/07/Elianre_C_Lupepsa_Costenaro.pdf?x48341, acesso em 16/06/2017.

GARIN, Leonardo Podolano. *A imigração ucraniana em Curitiba*. Monografia, Ciências sociais, UFPR, 2010. Disponível em:

<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2012/06/GARIN-Leonardo-Podolano1.pdf>, acesso em 16/06/2017.

GUÉRIOS, Paulo Renato. “As condições sociais de produção das lembranças entre imigrantes ucranianos”. In: *MANA* 14 (2): 367-398, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KOTVISKI, Vilson José. *Pêssanka- da Ucrânia para o Brasil*. Palmas: Kaygangue, 2004.

KOUBETCH, D. Volodemer. “Natal ucraniano: costumes, tradições, significados.” In: *METROPOLIA CATÓLICA UCRANIANA SÃO JOÃO BATISTA*, 2003. Disponível em: <http://metropolia.org.br/cultura-ucraniana/tradicoes-populares/>, acessado em: 12/06/2017.

OLIVEIRA, Isabella Cristina do Rosário. *Das pêssankas - um exercício etnográfico sobre a comunidade ucraniana em Curitiba*. Monografia, Ciências sociais, UFPR, 2012. Disponível em:

http://www.humanas.ufpr.br/portal/antropologia/files/2013/11/oliveira_pessankas.pdf, acesso em 16/06/2017.

SGANZERLA, Eduardo. *Pessânka: a arte de pintar ovos*. Curitiba: Esplendor, 2007.

SENIUK, Talita; SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. "Imigração ucraniana e colonização em Prudentópolis (1885-1945)." In: *Ateliê de História UEPG*, 2 (1): 81-91, 2014. Disponível em:

www.revistas2.uepg.br/index.php/ahu/article/download/6566/4390, acesso em 16/06/2017.

TENCHENA, Sandra Mara. "A origem das tradições festivas religiosas em Prudentópolis- Paraná." In: *Revista Nures*, ano VIII, número 22, setembro-dezembro de 2012. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/viewFile/21190/15491>, acesso em 16/06/2017.

TSVIETKOV, Viaczeláv. *Pequena história da Ucrânia_Rush*. 1.ed. Curitiba: Eparquia Ucraino-Católica de São João Batista, 1994.

UCRÂNIA ONLINE. "Tradições da Páscoa na Ucrânia." Disponível em: <http://ucraniaonline.blogspot.com.br/2010/03/tradicoes-da-pascoa-na-ucrania.html>, acessado em: 12/06/2017.

ZALUSKI, Tarcísio. *Páscoa, celebrações litúrgicas e costumes populares*. Prudentópolis: Prácia, 2001.

APÊNDICE

ENTREVISTA SOBRE O PROCESSO DE MIGRAÇÃO DA UCRÂNIA PARA O BRASIL

Realizada em Novembro de 2016, na residência de Oksana Boruszenko

1) Que motivos levaram a família Boruszenko a sair da Ucrânia no final da década de 1940?

Oksana Boruszenko: Na realidade nós não saímos da Ucrânia voluntariamente, nós fomos levados pelo invasor alemão para a Alemanha para a fronteira com a Tchecoslováquia, para o meu pai trabalhar na fábrica Rosenthal. Até hoje é a fábrica mais famosa de louças finas. Então ele foi trabalhar nesta fábrica e minha mãe que o acompanhou foi designada para trabalhar na casa de uns donos de um moinho. Só que quando... nós tivemos muita sorte, porque os alemães não separavam a família, sabe! Nós fomos morar na casa desses donos de moinho; meu pai ia trabalhar na fábrica e minha mãe era para ser auxiliar doméstica, ou seja, era para ser empregada da casa. Mas ela estava com uma criancinha pequena, que era minha irmã. A dona da casa percebeu que aquela mulher não entendia nada vezes nada, nem de...de... não entendia vezes nada de tratar de, de galinha, de cabra, de vaca, eles tinham um moinho, mas também tinham uma plantação. E daí eles perceberam que aquela mulher tinha outro tipo de instrução, e na realidade eles praticamente adotaram a gente, sabe. E meu pai trabalhava na fábrica, minha mãe ajudava dentro de casa, mas na realidade mais a dona da casa cuidava da minha irmã, da nenenzinha...e eu tinha ...o que? quatro anos na época... quatro ou cinco anos na época. Então foi assim que nós fomos para a Alemanha. Quando a guerra acabou nós não podíamos voltar para a Ucrânia, como nós havíamos saído com a ocupação alemã e os russos soviéticos integravam lá, e os aliados ganharam a guerra, né! Então quem voltasse para a Ucrânia, diziam: você saiu do país por que? Traiu a pátria, deixou o país em guerra e foi-se embora do país, agora se você voltar você vai poder viver aqui, mas lá na Sibéria. E deportavam pra Sibéria. Porque na época eles estavam colonizando a Sibéria e precisavam de gente e ninguém queria ir para a Sibéria o clima lá é muito inóspito. Então os aliados,... eles dividiram em acampamentos os refugiados de guerra, então deixamos a terra por conselho dessa família. Nós fomos para um acampamento de refugiados na Bavária sob a direção de norte-americanos que agilizavam mais depressa a saída dos refugiados para o Novo Mundo. Na realidade meu pai queria ir para o Canadá porque ele achava que iria trabalhar na estrada de ferro como engenheiro, mas como não deu a nossa ida para o Canadá por causa das cotas porque estavam preenchidas, e no Brasil precisando de imigrantes, então imigramos para o Brasil.

2) Quais são as suas lembranças de sua infância na Ucrânia?

Oksana Boruszenko: Praticamente nenhuma, como uma criança de quatro anos para cinco anos ela lembra pouca coisa acho que eu comentei com você. **Denis:** Sim,

you comentou na semana passada, you falou da sua mãe que fez a paska com restos de cascas de batata. **Oksana:** Eu lembro bem disso, calou a minha mem3ria. Bem a minha infância, ou seja, foi uma infância triste, vestidos feios e sapatos apertados. Não adiantava comprar at3 o 3ltimo, então at3 a 3ltima folinha da sola. Então, eu não tenho muita recorda3o da minha infância na Ucrânia, eu tenho mais recorda3o no campo de refugiados e da viagem para o Brasil.

3) Como a fam3lia Boruszenko viveu durante a Segunda Guerra Mundial? A guerra interferiu a vida familiar de alguma forma?

Oksana Boruszenko: Ah... Sim porque eles estavam estabelecidos na Ucrânia. Meu pai era engenheiro, trabalhava em uma cooperativa de engenharia, e minha mãe era professora, a minha mãe era uma mulher de instru3o universitária, era na 3poca eram poucas mulheres universitárias. Eles se casaram na d3cada de 1930, eles casaram em 1935 hum, então eles tinham uma vida organizada, eles tinham apartamento pr3prio hum, e quando foram levados para a Alemanha e perderam tudo isso, e inclusive o contato com a fam3lia que ficou.

4) Quantas pessoas da fam3lia ou amigos emigraram naquele per3odo? Sa3ram da Ucrânia ao mesmo tempo?

Oksana Boruszenko: Que sa3ram da Ucrânia ao mesmo tempo? **Denis:** Sim. **Oksana:** Olha 3 dif3cil de you precisar isso por que..., porque 3... 3 de locais diferentes n3, ou imigravam ou vieram para a Alemanha em datas diferentes. Estavam em locais, mais, por exemplo, quando n3s viemos para o Brasil então 3 haviam em quatro fam3lias aparentadas hum, tem uma irmã da minha mãe que eram de quatro pessoas. E depois vieram os outros parentes tamb3m mais distantes, mais no total eram quatro fam3lias que eram mais ou menos aparentadas. Agora navio, mil e tantos passageiros.

5) Qual foi o motivo da fam3lia ter escolhido o Brasil?

Oksana Boruszenko: Porque o Brasil estava aceitando imigrantes. Porque era mais fácil de vir para o Brasil do que ficar esperando as cotas de imigra3o para os Estados Unidos e o Canadá; 3 claro o eldorado era os Estados Unidos e o Canadá. O Brasil, Argentina. Am3rica do Sul, Chile, Bol3via, isto sempre tinha lugar pra migrar, as cotas nunca eram preenchidas. E ainda tem um detalhe, que o Brasil na 3poca s3 estava aceitando imigrantes agricultores; e o que tinha de profissionais liberais que foram correndo fazer um cursinho de t3cnicas agr3colas para ter um papel que eles eram t3cnicos em agricultura, não tava no gibi. As pr3prias autoridades norte-americanas elas incentivavam o curso e davam o curso, promoviam o curso e davam o certificado para que o povo pudesse emigrar. Meu pai

entrou como agricultor ele entrou com todos os aparelhos de engenharia, e quando perguntaram pra ele: O que é isso? Ele disse: são instrumentos para melhorar a agricultura brasileira. Ah! Muito bem, é de imigrantes assim é que nós precisamos, o senhor entre por favor. É o país do jeitinho, né?

6) Descreva a chegada da família no Brasil, em especial no Estado do Paraná: cidades onde morou; lembranças deste período; como foram recebidos pelos moradores; aprendizado do português; dificuldades enfrentadas.

Oksana Boruszenko: Olha, chegar no Brasil foi um impacto, sabe. Porque primeiro a gente saiu do navio e foi para ilha das Flores, que fica em frente de Niterói, entre Niterói e Rio de Janeiro, é uma ilha. Hoje lá está o Ministério do Exército, mas lá era a hospedaria de imigrantes. O primeiro impacto foi engraçado, porque a comida era muito farta e deixavam gamelas de frutas pra comer entre as refeições, e sobretudo com bananas, e a banana era muito cara na Europa... quando eu fiz aniversário de nove anos ganhei uma banana de presente e precisou dividir em quatro partes, que nós éramos quatro na família. Então todo mundo caiu de boca em cima das bananas, deu um desarranjo total. Mas lá nós deveríamos fazer a quarentena, como no Brasil se dá um jeitinho, né? Nossa quarentena só durou onze dias e daí nos colocaram num trem e nós fomos fazer uma longa viagem de trem até Marechal Mallet, aqui no sul do Paraná. Rio de Janeiro-São Paulo. Em São Paulo havia um parente distante, da minha mãe, que foi na estação para nos ajudar a mudar de trem, e daí com este trem a gente foi para Curitiba, onde também havia uma pessoa da comunidade que ajudava a trocar de trem e daí nós fomos de trem até Marechal Mallet, onde morava uma prima de minha mãe, e a família dela é que nos recebeu. Meu pai queria trabalhar em Santa Catarina. Em Santa Catarina falava-se em alemão, mas o filho desta prima havia recém se formado em engenharia e propôs sociedade para meu pai, para irem para o norte do Paraná. Ele entrava com o dinheiro do pai dele... eram trinta mil cruzeiros... e meu pai entrava com todos os aparelhos que trouxe da Europa. Daí foram eles e nós também morar em Apucarana, no norte do Paraná. Era a época do avanço da fronteira agrícola. Londrina já existia, Apucarana estava se formando, Arapongas também, daí meu pai mediu uma porção de cidades lá, enfim, meu pai trabalhou por um tempão, sabe? Lá minha irmã e eu começamos a ir na escola. Como o Brasil é um país que se dá um jeitinho, então eu em um ano eu fiz todas as séries, em dois anos perdão, eu fiz todas as quatro séries do primário e mais admissão e daí vim estudar em Curitiba no Colégio Estadual do Paraná. Daí eu já fiquei em Curitiba, morando em Curitiba separada de meus pais, só voltava nas férias, ia passar as férias lá, assim, eu estou em Curitiba desde 1952. É... dificuldade com a língua eu e meu pai quase não tivemos, quando nós resolvemos emigrar para o Brasil meu pai foi fazer um curso de português para estrangeiros, no curso “Berlits” na Alemanha e me levou junto. Claro, eu tava numa turma infantil, mas aprendendo português, só que meu pai aprendeu português de Portugal, com agravante que meu professor era moçambicano, então tinha sotaque

de Moçambique. Quando eu cheguei no Colégio Estadual tinha um grande professor na época, que era autor de livros etc.e tal, chamava-se Mansur Guerios, ele disse é você é imigrante né? Peraí vou tirar esse teu sotaque; e realmente conseguiu tirar o sotaque. Só não conseguiu tirar umas expressões que eu uso até hoje, que eu não me livrei delas. Por exemplo, eu não atendo telefone dizendo alô, eu digo pois não. Isso não saiu, isso ele não conseguiu tirar da minha alma. Mas com a convivência com as crianças, criança aprende muito depressa idiomas, e eu particularmente eu tenho facilidade para idiomas.

ENTREVISTA SOBRE CULTURA UCRANIANA: PÁSCOA E NATAL

Realizada em Novembro de 2016, na residência de Oksana Boruszenko

1) Qual é a importância das festas do Natal e da Páscoa para os ucranianos e seus descendentes nos dias atuais?

Oksana Boruszenko: Olha, a Páscoa e o Natal são as festas mais importantes para os ucranianos, desde os tempos “pré-históricos”, desde antes da Cristianização, porque na Páscoa eles festejavam a vinda da Primavera, o Solstício de primavera e no inverno, no Natal, eles comemoravam da vinda do inverno. Depois que foram cristianizados no ano de 989, perdão 988, século X, então estas festas que eram pagãs elas se adaptaram e se transformaram em festas religiosas. Então a Páscoa é a comemoração da ressurreição de Cristo e o Natal é a festa do nascimento de Cristo. É claro, como as festas são em épocas diferentes do ano, então, cada um tem tradições diferentes. Por exemplo, vamos começar com o Natal: O Natal é no inverno, então a ceia de Natal ela tem doze pratos, por que? Porque eram doze os apóstolos. E tem um cardápio específico, inclusive neste dia não se come carne de gado. Só é servido no inverno da ceia que chama-se kutiá. K-u-t-i-á, kutiá, que é feito de trigo, de mel, de papoula e de nozes. É um doce assim... meio molengo, mas cada... trigo significa bonança, fartura; o mel significa que a vida lhe seja doce, né, a papoula que representa a felicidade, que a vida lhe seja tão feliz e que expressasse a felicidade como a papoula esparrama as suas sementes, e também as nozes têm o mesmo significado da papoula. Depois vem os outros pratos né: pastel cozido com batata, charutinho de trigo sarraceno, e peixes têm vários tipos, pão tem vários tipos até de os doze pratos. Bom, isso quando a ceia da Páscoa, depois da ceia, tipos meia noite um pouco antes da meia noite vão todos assistir a missa. E depois da missa já alta madrugada né eles saem em grupos de jovens, grupos de adultos, cantando pelas casas canções de Natal. Geralmente os jovens vão visitar seus padrinhos, suas madrinhas, enfim, e o cancionero de Natal também é dos meios interessantes, porque tem canções que tem melodias, as melodias centenárias, mas as letras são realmente letras religiosas, que remeteu ao nascimento de Cristo. Agora a Páscoa, isso rápidas palavras, sobre o Natal, sobre as tradições do Natal você inclusive pode ter, depois eu vejo uma bibliografia para você. Agora, enquanto a Páscoa é vem vindo a primavera, vem a primavera, faz a Quaresma é o período ainda frio, ainda não se começou muitos trabalhos domésticos, fazem-se os ovos de Páscoa, ovo de galinha são ovos pintados em várias cores, vários modelos, depois eu até posso mostrar isso o que tá em casa, tenho vários modelos. Este ovo também na antiguidade, antes do cristianismo era a ressurreição da vida né, do ovo surge o pintinho, surge a primavera, tatata. E depois da cristianização, ele representa a ressurreição de Cristo, e também o tempo da Quaresma durante quarenta dias não se come carne de gado e determinados alimentos, a Semana Santa é uma semana de jejum rigoroso que não se come nem leite e nem queijos, e nem manteiga, então também é preparado um desjejum farto, e assim o que tem dentro de interessante na

Páscoa é que no sábado ao entardecer, as mulheres preparam uma grande cesta onde deve ter um pedaço de pernil, queijo, manteiga, raiz forte, a paska o pão de Páscoa um pão doce redondo, bem enfeitado por cima etc e tal, e até tem concurso de paska, qual paska é a mais bonita, a paska é o pão de Páscoa e a cesta enfeitada com esses ovos pintados que são chamados de pessânka. Com tudo isso, estes cestos vão para a igreja, assistam a missa, e depois da missa o padre benze essas cestas, isso você pode ver em Curitiba inclusive, tanto nas igrejas no sábado à tarde no Sábado de Aleluia, quanto no Memorial Ucrâniano às 16 horas da tarde. Preparam filas, hum, o padre faz lá uma reza e benze todas essas cestas. E daí essas cestas, eles fazem o café da manhã em família. E daí também na cidade não observam muito isso, mais no interior nas colônias sobre tudo, no domingo após esse desjejum os meninos balançam os sinos das igrejas, no pátio, os jovens fazem folguedos de Páscoa sabe, ou seja, cantos de roda, é torres humanas, enfim, folguedos,...que são chamados folguedos de Páscoa. Então, essas duas maiores cerimônias, maiores festas religiosas entre o povo ucraniano.

2) As tradições do Natal e da Páscoa sofreram algumas modificações com a chegada dos imigrantes ucranianos em Curitiba até os nossos dias? Por que?

Oksana Boruszenko: – Bom, em primeiro lugar sim. Foram pouco modificadas, a essência continua a mesma, mas a Páscoa na cidade é comemorada diferente da Páscoa no interior, pela dificuldade da locomoção pó causa da reunião etc... e tal. E agora, eu falei com você na pergunta anterior ao cardápio específico né, que é um cardápio específico. E esse cardápio claro ele teve que ser adaptado aqui no Brasil né, então por exemplo, a “kutia” no Natal, que é feito com a papoula, em alguns lugares aqui no Brasil por falta da papoula que não cresce muito aqui no Brasil né, e também é proibida a importação dela porque o povo acha é a mesma papoula da qual é feito o ópio, então é proibida a importação. Pra substituir a papoula em alguns casos usam até o côco, em vez de nozes usam amendoim. Como o trigo mourisco, não é em todas as regiões do Brasil que tem, então há lugares onde os charutinhos em vez de ser com trigo mourisco e de carne para a Páscoa, eles são feitos com arroz. Então, houve adaptações sim, por força da falta dos produtos originais né, então houve modificação inclusive pelas circunstâncias locais, então houve modificações sim e com o decorrer do tempo. Veja, primeiro se fazia o ovo de Páscoa do ovo mesmo, cozinhava na tinta preta, tinta mais escura para tirar a cera para aparecer o desenho né, mas com a industrialização, com o avanço tecnológico e tudo mais hoje em dia costuma-se primeiro furar com uma agulha de injeção ovo e tirar o miolo de dentro, porque dura mais tempo não estoura, ou então faz a pêsseka e tira o que está dentro do ovo e enche-se de cera que dura mais tempo; também se cair quebra em pedacinhos, não quebra só um pedaço, mas quebra o ovo inteiro, então o ovo é adaptação de acordo com desenvolvimento tecnológico né, e também devido à própria agricultura do país né, então houve sim.

3) Você tem lembranças desde quando era criança das tradições e das missas da Páscoa e no Natal?

Oksana Boruszenko: – As minhas lembranças não são muito boas, porque a minha infância foi exatamente durante a Segunda Guerra Mundial. Então por exemplo, eu lembro foi a Páscoa de 44 (1944), a guerra terminou em 45 (1945), a Páscoa de 1944 não tinha produtos, e que passa-se fome né. Então eu lembro que na Páscoa que a minha mãe fez, então o pão de Páscoa foi com cascas de batata, não tinha outra coisa. Depois eu vim para o Brasil já com dez anos, então das primeiras Páscoas e dos primeiros Natais, eu lembro no norte do Paraná, em Apucarana. Não tinha igreja, mas tinha rito bizantino bem entendido né, mas tinha uma igreja ortodoxa numa colônia perto de Apucarana, a colônia na Nova Ucrânia. Eu lembro desta igreja, ia num... ia de caminhonete, na boléia da caminhonete para levar a Páscoa, para benzer a Páscoa no Natal, e a missa a gente ia na missa na igreja latina, e fazia o jantar em casa. Ia na igreja latina, depois do jantar ia na Missa do Galo. Então a gente ia na Missa do galo na cidade mesmo na igreja latina, em casa fazia tudo, cultuava a tradição do Natal. E na Páscoa como o padre tinha que benzer os alimentos né, isso não existia na igreja latina, a gente ia nessa colônia, ia dar uns quinze ou dezoito quilômetros da cidade só para benzer e assistir a missa...e benzer a paska, isto eu lembro da minha infância.

4) Das duas festas, para você qual é a festa mais importante e porque é especial para você nessa época do ano.

Oksana Boruszenko: – Bom, depende onde eu passo a Páscoa, se é aqui no Brasil ou lá na Ucrânia. Lá na Ucrânia eu gosto muito dos festejos de Natal, acho muito bonita a ida para a igreja, os cantos. Agora aqui no Brasil, gosto muito da Páscoa em si sabe, gosto muito de ir para o Memorial Ucrâniano, ultimamente tenho ido na igreja mesmo para benzer a cesta né. Mas gosto muito de ir também ao Memorial, acho muito bonito aqui no Brasil. Porque é uma festa que cai assim geralmente em abril, ainda está quente, então mais parecida com os festejos feitos na Ucrânia né. Até acho a Páscoa é mais preservado no Brasil do que o Natal.

5) Qual é o significado das pêsankas para os descendentes no período da Páscoa?

Oksana Boruszenko: Os descendentes cultivam esse, este artesanato de geração a geração. Tanto que fazer pêsankas se ensinam nos clubes, nas associações, no Clube Ucrâniano na Augusto Stelfeld que tem uma escolinha que funciona aos sábados. Onde as crianças aprendem o idioma, a história, danças, fazer pêsankas, bordar e fazer bordados. Então você desde...de criancinha, pequenininha, já desenhando o ovo de Páscoa que é uma técnica complicada. Você sabe como que faz isso? Como que faz a pêsanka, você tem ideia? ovo branco bem limpinho,

primeiro risca o modelo com lápis, depois que tudo, que ficar branco você cobre com uma canetinha, você põe uma bolinha de cera e esquentando na vela, põe aquela cera derretida e cobre tudo que ficar branco, e enfie na tinta amarela, seca tudo que ficar amarela, você cobre aquele trabalhinho da vela, todos os quadradinhos, florzinhas, o miolo das florzinhas etc. e tal. Você cobre de cera, põe tinta vermelha, depois tira, é o mesmo processo põe na tinta azul, põe na tinta verde e assim a da mais clara para a mais escura. E na última tinta, põe a tinta preta, e você dá uma fervida no ovo, e você tem que ter cuidado na hora que você tira, não deixe ferver pra escapar da panelinha, ou com uma colher ou com uma concha já meio própria para isso, própria com esta finalidade que seja côncava, o ovo não escape nem pro lado nem pro outro, não pode ser com uma escumadeira comum. Então um...esqueci o nome, uma peneirinha você tira o ovo e limpa ele com uma flanela enquanto estiver quente com a cera, e daí deixa ele descansando. Então, mas como a quaresma é longa e ainda é na Europa é frio, isto é feito nas noites dentro das casas. Então... mas ela tem o seu significado também, tem o teu significado religioso, e tem o seu significado como talismã veja, essas são de madeira eu ganhei na Ucrânia e como esse povo é um povo supersticioso, estas são para afastar mal-olhado.

6) Além das missas, procissões e das tradições natalinas e pascais, quais outros afazeres que os descendentes fazem durante esses períodos do ano?

Oksana Boruszenko: Depende onde vive, porque no interior eles são lavradores, então na época do plantio, a época da colheita, e geralmente isso é aliado às festas religiosas. Agora na cidade não dá para fazer isso, cada um tem o seu emprego e geralmente se reúne em dia de festas de padroeiro de suas paróquias, ou nas festas que as paróquias promovem. Por exemplo, domingo passado eu fui ao bingo na minha paróquia, lá na minha paróquia da Martim Afonso onde tem o padre Elias, que foi um bingo que estava praticamente toda a comunidade daquela paróquia né. Encontrei com gente fazia anos que eu não encontrava, mas no meio do bingo foi servido café colonial coisa e tal, a gente pode andar pelo meio das pessoas, conversar como os conhecidos. Inclusive tinha lá uma barraquinha para comprar artesanato ucraniano, porque no bingo só ganhamos experiência com a minha turma que eu fui, como diz o padre Elias: “desta vez vocês ganharam experiência, no próximo bingo para vocês ganharem prêmios”. Mas nas cidades, este... esta pergunta não se encaixa muito pelo tipo de vida que se leva nas cidades, sabe. Então só se reúnem mesmo quando existem as grandes festas da comunidade, nesse caso festa de padroeira ou promoções que os clubes e as igrejas fazem; por exemplo fui com minha família no clube ucraniano, à noite o clube promove um jantar típico ucraniano com a apresentação de danças folclóricas, vira um bailinho, todo mundo se mete a tentar fazer dança folclórica e claro, todo mundo que consegue que vai, que é promovido pelo clube e mandam convites pelos jornais, internet, pessoais, coisa e tal, é isso.

7) Você tem algum outro costume no período do Natal e Páscoa que é preservado até hoje?

Oksana Boruszenko: Eu conheço algum costume, específico só o do cancionero, eles vão pras casas, inclusive aqui no Brasil tem os cantores de Natal sabe, e tem até duas semanas depois, dois domingos mai tarde, eles são muito...vão muito nas casas e vem o coral inteiro na tua casa para cantar três ou quatro canções de Natal. Você recebe eles a gente já sabe os dias que eles vêm, você se prepara para servi-los, as vezes com pouca coisa, as vezes com mais coisa depende do horário que ele vêm, geralmente ele vêm com uma finalidade. Eles coletam dinheiro para uma determinada, ou para cobrir ou reformar o salão paroquial, o coral da igreja, ou do clube para adquirir mais trajes folclóricos, sempre tem uma causa específica para onde vai o dinheiro, tá. Você recebe com um lanche e você faz geralmente um donativo você dá um envelope.

8) Qual é a importância do Natal e da Páscoa para você?

Oksana Boruszenko: Pra mim especificamente? Denis: sim. Ok. Reunião de família, porque no Natal se reúne toda a família, inclusive eu não faço o natal em casa, quando chegar a minha vez de fazer o Natal em casa vou ter que alugar um espaço, porque a minha família é grande e o meu apartamento não é tão grande assim. Ele é bom pra mim, mas a minha família tem cinquenta e duas pessoas, e no próximo Natal vai ser cinquenta e três, então pra mim significa reunião de família, e claro também uma festa religiosa. Uma festa sendo uma das grandes festas religiosas, a gente procura na medida do possível, preservar as tradições. Antes de mais nada, para mim pessoalmente representa reunião de família, todo ano é alguém da família que reúne a todos de casa e todo mundo vai. Então a oportunidade que eu tenho de ver a família reunida né, aí sim por exemplo antes do jantar do Nata, antes de sentarem à mesa fica um prato vazio na mesa, na minha família são várias mesas, mas na mesa principal, onde sentam os mais velhos, sempre fica vazio e o prato do kutiá, é deixado a noite inteiro na mesa em cima daquela mesa, o prato vazio é pelos mortos da família e se caso isso é uma superstição. Ma caso os mortos queiram vir participar da ceia de Natal, então eles vêm enquanto a gente vai a missa e comem a kutiá, então é claro isso não acontece mas é a tradição deixar o prato vazio para os mortos, os finados, e para deixar o Kutia para os deixar servir...interessante isso até hoje.

9) O que o ícone da natividade significa para você?

Oksana Boruszenko: Significa Natal, significa Natal como você sabe no rito bizantino ao qual pertence aos ucranianos, isso já expliquei na entrevista anterior, ele não tem representações de estátuas, não há estátuas na igreja bizantina, só pinturas e é um determinado gênero de pintura. È um determinado gênero de pintura

que veio lá da Grécia, assim como veio o cristianismo, assim em Bizâncio e coisa e tal o tipo de pintura chamado ícone, são quadros de santos. Representam o quê? Representam a religiosidade do povo, é por isso que você tem o ícone de São Nicolau, o protetor das crianças, você tem o ícone da Natividade que representa o Natal, você tem o ícone de vários santos, mas tudo em quadros, certo?

10) Descreva o ícone (Quais elementos encontram-se retratados?).

Oksana Boruszenko: Olha eu não entendo muito de ícone, eu posso dizer em linhas gerais. O ícone tem uma determinada técnica, ele usa tintas especiais, sobre tudo é brilhosa, tintas brilhosas e também estilo próprio, que não é a natureza morta. A própria representação tem os seus próprios significados, né. É a posição do que é representado no ícone, é a posição dos determinados significados. Agora grandes pormenores sobre ícones eu sei lhe dar.

11) Por que está pêsanka é especial para você, quem deu e por qual motivo?

Oksana Boruszenko: Olha essa pêsanka eu ganhei em 99 (1949), ganhei de presente de uma grande amiga minha, chama-se Filomena Prostek, é uma das melhores artesãs de pêsankas do Paraná. Ela é professora...se eu não me engano de matemática. Mas é uma catequista de Prudentópolis, mora em Prudentópolis. E como ela é muito amiga minha, em 99(1999) essa pêsanka foi preciosa e premiada em um curso, então ela resolveu dar para mim, por amizade. E serve como talismã, estamos no ano de 17, então está a dezoito anos na minha mão e não quebrou.

12) Descreva os elementos retratados nesta pêsanka.

Oksana Boruszenko: O trigo que representa a fartura representa a fartura. A... As linhas, as linhas representam a eternidade. A cruz representa a religiosidade. O esses... Esses quadrinhos representam a amizade ham que mais nós temos aqui, os quadrinhos são a amizade, a essa linha que envolve com esses triânguluzinhos a vida longa, hum. Então significa que não vai me faltar nada, vou ter fé, vou acredito na eternidade, vou ter amigos à vida toda.